

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*O pachacuti como uma categoria de explicação sobre o passado andino: Um estudo a partir de algumas crônicas e documentos do Vice-reino do Peru (XVI-XVII)*

Fabián Andrés Torres  
Unicamp

**Resumo:** O presente projeto se propõe estudar algumas crônicas e documentos coloniais, produzidos entre os anos de 1550 e 1615 aproximadamente no contexto do Vice-reino peruano, pontualmente as crônicas espanholas Suma y narración dos Incas de Juan Diez de Betanzos (1551), Historia indica de Pedro Sarmiento de Gamboa (1573), Fabulas y ritos de los ingas de Cristóbal de Molina (1575), Instrucción para descubrir todas las guacas del piru (1581-1585) de Cristóbal de Albornoz, e Manuscrito de Huarochiri (1608-?). Adicionalmente, serão contempladas as crônicas de autoria indígena intituladas Nueva Coronica y Buen Gobierno (1585-1615) de Felipe Guaman Poma de Ayala e Relación de Antigüedades desde reino del Piru (1613) de Juan de Santa Cruz Pachacuti. Todos estes documentos tiveram um fator comum, relacionado com uma preocupação pela história do chamado Novo Mundo e as concepções temporais-espaciais do mundo andino. Isto provocaria uma forte tensão entre as concepções de história medievais-cristãs que carregavam os cronistas ibéricos, e os conceitos de origem indígena que transmitiram oralmente os nativos andinos aos cronistas e religiosos espanhóis, encarregados de construir uma narrativa sobre o passado andino. Nesse sentido, o presente projeto pretende aproximar-se ao estudo de uma categoria temporal e espacial de origem indígena usada no interior das fontes citadas: o pachacuti. Busca-se, assim, identificar a forma como foi representada a ideia de pachacuti em documentos produzidos a partir de uma visão histórica cristã, manifestada nos cronistas espanhóis e indígenas.

**Palavras chave:** História, tempo, crônicas, escrita, Pachacuti.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## **A teoria da história e as temporalidades não ocidentais**

Neste primeiro ano de pesquisa nos propusemos enfrentar duas frentes no projeto apresentado e financiado pela FAPESP, um deles era fazer um primeiro recorte analítico e de leitura crítica de fontes e de bibliografia de apoio. Isto nos levou a focar em duas das fontes propostas no projeto inicial que são a *Nueva Coronica y Buen Gobierno* de Felipe Guaman Poma de Ayala e a *Relação de antigüedades desde reyno del Perú* de Juan de Santa Cruz Pachacuti. Além disso e com o intuito de mergulhar inicialmente em textos elaborados por autores com algum grau de relação ancestral ao mundo andino, chegamos ao encontro com outra fonte que não foi contemplada no projeto inicial, mas que faz um uso do passado e das categorias do pensamento andino que nos permitiu estabelecer um rico contraste com os outros textos, estou falando do famoso Inca Garcilaso de la Vega e sua obra *Los comentarios reales de los Incas*. Baseados nesses primeiros três textos e fazendo uma articulação crítica entre eles, elaboramos um primeiro esboço de capítulo sobre a disputa do passado e tempo andino com o objetivo de deixar o caminho abonado na hora de aprofundar em categorias mais específicas da cosmologia andina como o *Pachacuti* e seus termos correlatos espaciais como *hanan e urin* ou *huaca* e divindades espaço-temporais como *Viracocha* ou *Pachacamac*.

Neste primeiro capítulo, tentarei avaliar como são apresentadas algumas narrativas sobre o passado andino em três cronistas que apesar de possuir um vínculo ancestral aos Andes, neles se

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

consegue observar umas certas disputas, tensões e reivindicações no seus escritos. Isto último, poderia influenciar de forma direta o uso, mobilização e sentido que eles dão ao tempo andino e a categorias de matriz andina como o *Pachacuti*. Nosso objetivo aqui também será tentar observar como estes sujeitos, mais que portadores de uma espécie de ethos e essência andina, foram atores ativos na sociedade colonial que tentaram elaborar seus discursos históricos num complexo mundo de relações de forças e influências. Assim, em anexo do presente relatório apresento esse primeiro esboço de capítulo, com o intuito também de que dele surja uma primeira publicação em alguma revista indexada no presente ano.

Por outro lado, e como foi ressaltado pelo parecerista na avaliação do projeto, um dos aspectos que podem e vão enriquecer a presente pesquisa é a orientação e participação de um especialista como o professor Thiago Lima Nicodemo na área de Teoria de História e História da Historiografia. Assim, o segundo objetivo deste primeiro tempo de pesquisa foi criar e começar a estabelecer as pontes e diálogos entre nossa proposta de pesquisa e a Teoria da História. Para atingir este objetivo, participei no programa de Estágio docente (PED) da Unicamp, na disciplina oferecida pelo professor Thiago Nicodemo, *Temas especiais em Teoria da História*.

A disciplina diante do atípico contexto e tentando adaptar-se às demandas dos estudantes, iniciou fazendo um percurso por alguns clássicos da teoria histórica e sua profissionalização. Em um segundo momento e depois de fazer aquele trajeto pelos clássicos da historiografia, buscou-se questionar e analisar de forma crítica essas premissas fundantes da disciplina, trazendo leituras como as do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro, o historiador indiano Dipesh Chackrabarty e o trabalho de Bruce Albert y Davi Kopenawa *A queda do céu*. Nesse sentido, e motivado pelo diálogo estabelecido com os convidados do curso, o professor e os alunos, surgiram vários questionamentos sobre o quanto conservadora e fechada é a Teoria da História quando de questionar e criticar seus principais fundamentos teóricos se trata.

Um desses questionamentos surgiu precisamente sobre o estudo do *tempo* e as diversas formas como as sociedades se relacionam com ele. Desse modo foi que nossa pesquisa que tem como

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

objetivo analisar um conceito temporal andino que não ocidental entre a segunda metade do século XVI e inícios do XVII, nos levou a refletir sobre a relação entre nosso trabalho e o que consideramos um negligenciamento por parte da Teoria da História no seu estudo de *outras temporalidades*. Sendo assim, e com o objetivo de atingir esta nova demanda, além de continuar com nossos análises sobre a primeira modernidade na América, se pensou em articular o estudo de dito conceito ao tempo presente para ver em que contexto e por quais sujeitos, o *Pachacuti* estaria sendo usado, levando em conta o convulsionado contexto latino-americano dos últimos anos, assim como a atual crise ecológica que vive a humanidade inteira. Localizados neste contexto, surge a pergunta se o Pachacuti continuaria sendo concebido como foi no passado, como um possível início/fim de algum tipo de evento catastrófico, assim como a esperança de um futuro melhor onde tudo voltasse a uma certa normalidade e harmonia.

Dito o anterior, partimos do pressuposto de que a forma de se relacionar e perceber o tempo como acontece com o *Pachacuti* no espaço andino, que teve seus usos, adaptações e interpretações na época colonial do vice-reino do Peru, pode nos ajudar a refletir e propor uma crítica aos cânones disciplinares da História, analisando além disso, como dito conceito surge e é atualizado hoje num contexto onde se é necessário repensar as premissas da profissão histórica, como por exemplo a velha distinção entre história natural e história humana, crítica que como veremos adiante é salientada pelo Dipesh Chakabarty.

Seguindo esse raciocínio de estudo, nessa nova frente de pesquisa, fomos atrás de alguns dos principais teóricos do *tempo* ao interior da Teoria da História e de alguns caminhos e perspectivas de pesquisa sobre o estudo de *outras temporalidades* não consideradas até hoje no seio da historiografia moderna, frisando que, uma dessas possibilidades são as temporalidades andinas. É importante dizer que, a partir da análise de outras temporalidades, poderia ser ampliado o espectro analítico de quem se preocupa por um dos principais insumos de pesquisa histórica, isto é, *o Tempo*.

Os primeiros questionamentos sobre o tempo e a experimentação do mesmo por parte de outras sociedades não ocidentais no campo da teoria da história, provém em grande parte de seus

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

contatos com a antropologia, um exemplo disso é o primeiro capítulo da importante obra de François Hartog, *Regímens de historicidade* (2013) onde o autor cita a obra do antropólogo Marshall Sahlins, para exemplificar outras formas de experimentação do tempo especificamente as dos povos das ilhas Fiji. No entanto, antes de nos deter na noção de *regímen de historicidade* e sua atual popularidade na historiografia “francesa-universal”, chamamos a atenção sobre como a problemática do tempo tem suas origens em campos e áreas diferentes à teoria da história devido a suas dificuldades em discutir os tempos do “outro”.

Podemos citar aqui num primeiro momento o antropólogo holandês Johannes Fabián, citado em algum momento também por Hartog. Fabian no seu livro *Time and Other* (1983) manifesta como a disciplina antropológica fundamenta sua relação com o outro-nativo anulando seu tempo, ou seja, posicionando seus nativos em um *não tempo*, em um espaço de *não coetaneidade*. Talvez, não seja exagerado dizer que, a abertura para os primeiros questionamentos sobre o próprio fazer historiográfico assim como de seus objetos de estudo são herdeiros dos primeiros teóricos dos chamados estudos pós-coloniais dos quais fazia parte o antropólogo holandês. Pretendo-me deter aqui num historiador que considero ter feito uma crítica dentro do campo da teoria da história bem importante ao longo do tempo, o indiano Dipesh Chakrabarty cuja trajetória pode ser vista em dois momentos; a primeira delas no texto *Provincializing Europe* publicado no ano 2000, e um segundo momento num texto recente e bastante instigante que colocou em xeque vários aspectos fundantes da historiografia moderna, *climas da historia* do ano 2009.

A primeira obra citada do Dipesh Chakrabarty tem uma preocupação pelas formas como são adaptadas e importadas as teorias ocidentais no contexto asiático, principalmente a aplicação da teoria marxista no mundo indiano. O ponto de partida de Chakrabarty é a ideia de provincializar Europa, sobre isso é importante fazer algumas observações pois é um dos aspectos nodais da obra do historiador índio. O autor inicia sua crítica e proposta de provincializar Europa a partir do conceito de Historicismo, o qual, segundo Chakrabarty, foi o conceito que possibilitou a dominação europeia sobre a Índia no século XIX. O autor acrescenta que foi a partir de ali que a modernidade e o

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

capitalismo passaram a ser pensados como algo que ao longo do tempo foi-se convertendo em fenômenos de escala global, com um único epicentro na Europa e que se teriam que expandir fora dela, formando-se assim, uma ideia e estrutura temporal globalizante onde a Europa teria o comando e controle. Dessa forma, a Europa seria o espaço onde aconteciam os principais acontecimentos históricos de caráter geral e universal como as revoluções industrial e francesa. De acordo a esse raciocínio, Europa atingiria um determinado estágio de desenvolvimento histórico que a diferenciaria das sociedades não ocidentais, e além disso, as obrigaria a que, encaixadas numa concepção historicista atingiram o nível civilizatório ocidental. Isto no contexto colonial permitia que os colonizadores por médio do historicismo e o ideal moderno de história, vigiaram e tutelassem quando estariam preparados e qual seria o caminho a seguir pelos colonizados para seu autogoverno:

El historicismo posibilitó la dominación europea del siglo XIX. Podría decirse, grosso modo, que fue una forma importante que la ideología del progreso o del desarrollo adopto a partir del siglo XIX. [...] el historicismo – e incluso la idea moderna, europea, de la historia- se presentó ante los pueblos no europeos como una persona que le dice a otra “todavía no”. (CHAKRABARTY, 2008, p. 34-35).

O autor leva seu análise desde o contexto da colonização inglesa, até as contradições que viveu o nacionalismo indiano pós-independência. Para ele, em ambos momentos o historicismo europeu influenciou a forma de pensar sobre o suposto “estádio temporal” dos camponeses ou os sujeitos subalternos tanto para serem participes de um possível autogoverno quanto para serem plenos cidadãos, ou seja, tanto o poder britânico como a elite indiana nacionalista ainda tendiam a considerar como sujeitos não modernos ou pré-modernos os camponeses indianos. A modernidade política, a ideia de cidadão, de estado nação, a ciência e a razão são os valores que faziam que a Europa se colocasse como o centro do mundo, valores que teriam o caráter de universais. No entanto, era necessário que as demais histórias e povos do mundo encontrassem seu lugar nessa linha histórica da razão e do progresso. Nesse sentido, o autor retoma seu projeto e ideia de provincializar Europa para pensar o porquê esses valores adquiriram o status e caráter de universal ao interior do mundo Europeu e fora dele, e como a mesma Europa conseguiria se auto identificar portadora desses valores. Para o autor indiano o projeto de provincializar Europa não consistiria em recusar de forma determinante e

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

simplista a modernidade, os valores liberais, universais, a ciência, a razão e as grande explicações gerais e totalizantes sobre a humanidade, e sim que, o projeto e crítica a esses pressupostos começaria por documentar como e mediante que processos históricos essa “razão-ciência-modernidade” europeia ficou como algo óbvio e necessário de atingir e alcançar fora do espaço de onde emergiu. Isto exigiria por parte dos acadêmicos um determinado caminho e passos a seguir:

En primer lugar, el reconocimiento de la adquisición de Europa del adjetivo “moderna” para sí misma constituye una parte integral del relato sobre el imperialismo europeo dentro de la historia global; y, en segundo lugar, la consciência de que el hecho de equiparar una determinada versión de Europa con la modernidad no es sólo obra de europeos, los nacionalismos del tercer mundo, en su calidad de ideologías modernizadoras por excelência, han sido socios em pie de igualdad de este proceso. (CHAKRABARTY, 2008, p. 77).

O foco do Chakrabarty estará centrado em criticar todo o arcabouço teórico e epistemológico europeu que faz com que as experiências históricas do chamado terceiro mundo sejam denominadas como subalternas e num estágio inferior na linha histórica e temporal universal sob os valores da ciência da razão e fundamentalmente do Estado-Nação. É importante frisar que a crítica do Chakrabarty também está direcionada às elites nacionalistas que se apropriaram de alguma ou outra forma de aquela concepção histórica-temporal para continuar exercendo dominação nos grupos sociais subalternos. O problema do Chakrabarty é sobre como transgredir a concepção histórico-temporal europeia etapista para analisar as outras experiências históricas “tercermundistas”, fazendo crítica não só do próprio poder exercido pelo colonizadores e as categorias que eles universalizaram, senão, também, da própria elite nacionalista que continuo olhando para grande parte da população sob o prisma da carência e da incompletude para atingir o grau necessário de consciência política e histórica para que fossem parte do Estado-Nação. A crítica pós-colonial do Chakrabarty está em grande parte direcionada para os historiadores do mundo indiano pensando como a modernidade e o historicismo criaram um discurso histórico teleológico, porém, este também seria um problema sobre o caráter da escrita da história e do ofício historiográfico.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ja no segundo texto sobre os *Climas da Historia*, Chakrabarty se afasta um pouco mais do contexto indiano e avança na discussão a uma escala mais global ao discutir um dos conceitos hoje de moda, o *antropoceno*. Sob o prisma do aquecimento global e a crise ambiental e ecológica do planeta na atualidade, o historiador tenta problematizar a velha dicotomia entre história natural e história humana. Ao longo das suas *quatro teses* defende a ideia que de que essas histórias já não podem ser vistas por separado, e sim de forma interdependentes, pois nessa nova era é o próprio ser humano o encarregado de mudar o tempo da natureza, ou seja, o agente principal da nova era geológica. É precisamente essa crítica à teoria da história moderna feita por Chakrabarty um dos motivos que nos mobilizou a pensar na categoria temporal do *Pachacuti* e seus usos no tempo presente, pois como mostraram alguns dos dados levantados é precisamente através desse viés da incerteza sobre o futuro da humanidade e sua relação com o mundo natural, o que leva a que sejam ressignificadas outro tipos de formas de se relacionar com o tempo, em especial as ameríndias.

Este percurso teórico contínuo com a leitura e aproveitamento de duas historiadoras brasileiras que vem refletindo sobre a questão da(s) temporalidade(s) no campo da teoria da história e que retomam alguns dos principais teóricos das formas de se relacionar com o tempo, como Reinhart Koselleck e François Hartog. As duas autoras abrem caminhos de pesquisa e perspectivas analíticas que permitem situar a presente pesquisa sobre o Pachacuti não só a partir dos documentos coloniais dos séculos XVI e XVII, mas também no contexto do tempo presente.

A historiadora Ana Carolina Barbosa na sua tese de doutorado depois publicada em formato de livro *Na transversal do tempo : Natureza e cultura a prova de historia*, faz no primeiro capítulo um apanhado dos debates e consolidação do chamado *historicismo* para depois avaliar o que pode-se considerar o estado atual do análise teórico sobre o tempo na historiografia com os conceitos de *Coscienza histórica* e *Tempo histórico* de Jorgen rusen e Reinhart Koselleck respectivamente. Grosso modo, a autora retoma esses dois conceitos para criticar a universalização que fazem esses famosos historiadores sobre a forma de experimentar o tempo, principalmente na tripartita divisão que fazem

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

entre o *passado o presente* e o *futuro*, o que levaria ao pressuposto de uma suposta unidade das ações humanas e um único fluxo temporal do devir histórico, nas palavras da autora:

Este raciocínio pode, ainda, ser estendido ao campo mais genérico da ciência da história. Pois, embora tenha se constituído como especialidade acadêmica por oposição à Filosofias da História, permanece presa a um de seus pressupostos fundamentais. Assim, apesar da ênfase na particularidade das ações humanas, entendidas como realidades pertencentes ao domínio das intenções (conscientes ou não) dos sujeitos históricos individuais ou coletivos, a ciência histórica orienta-se, ainda que implicitamente, pela crença na existência de uma unidade concreta ou totalidade orgânica das ações humanas, sintetizada na

concepção de um tempo contínuo e comum. Nesse sentido, o universalismo das teorias de Jörn Rüsen e Reinhart Koselleck nos lança um alerta: o de que o esvaziamento do conteúdo das filosofias da história parece ser insuficiente quando se permanece teleológico na forma. Isto porque, apesar de admitir variáveis, há que se lembrar de seus limites, pois quaisquer possibilidades que escapem a esta ordem ou enquadramento prévios, não podem ser compreendidas à luz das categorias de “tempo histórico” e “consciência histórica”. Ou, dito de outra forma, quaisquer formas de interpretação temporal que não partilhem dos mesmos pressupostos de uma unidade originária entre as três dimensões do tempo e do reconhecimento, num dado momento, de sua interdependência, não podem ser entendidas sem passar por uma crítica destes mesmos pressupostos.

Em linhas gerais, a autora encerra questionando se haveria o há a possibilidade de se pensar e experimentar o tempo de outra forma ou em outra direção sem que necessariamente tenha que ser encaixada naquela tripartição do tempo, questionamento que também faz parte da presente pesquisa, não só na forma de se experimentar e se relacionar com o tempo, senão, e aqui voltamos à crítica do Chakrabarty, na forma de olhar criticamente para a velha divisão entre história natural e história humana. Acreditamos que, em conceitos de tempo como o *pachacuti*, não seria possível fazer essa distinção, pois como tentaremos ver ao longo desta pesquisa, neste tipo de concepções de tempo, os fenômenos naturais, humanos e divinos estariam em constante fluxo, de ali provém nossa leitura de que o *pachacuti* hoje, hipoteticamente está sendo usado como uma reivindicação de um futuro ecológico e do planeta mais amigável e como uma resposta às crises do futuro.

Por outro lado, Francine Legelski nos leva pelo caminho do contato entre história e antropologia, principalmente através do pensamento de Claude Lévi-Strauss. O arrolado teórico que

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

faz a autora num de seus artigos intitulado *Resfriamento das sociedades quentes ? - crítica da modernidade história intelectual, história política* (2016) é muito parecido ao da Ana Carolina Barbosa ao retomar as teorizações do tempo feita por Koselleck, além do Hartog. Uma importante diferença entre as autoras é que Francine Iegelski problematiza a discussão com o binômio proposto por Levi-Strauss em meados do século XX entre sociedades quentes e frias. Isto último para diferenciar as sociedades ocidentais/modernas das indígenas, e que ao final do século XXI, segundo aponta Francine, o mesmo Levi-Strauss inverteria dita ordem pensando no aquecimento das sociedades frias e o esfriamento das sociedades quentes, produto da maior visibilidade e organização política a nível global das populações indígenas, em contraponto a crise do futuro das sociedades ocidentais. Nesse último ponto, a autora num exercício de história intelectual estabelece as conexões entre o antropólogo e Hartog sobre o regime de historicidade presentista que estaria vivendo a Europa atualmente desde a queda do muro de Berlim.

Tal parece, segundo minha leitura e reforçando minha hipótese inicial que, o fio condutor de repensar a forma de se experimentar o tempo caminha em direção à relação entre antropologia e história. Isto é claro por exemplo no momento em que Ana Carolina Barbosa ao tentar esboçar outras formas de articular o tempo, chega no pensamento de Eduardo Viveiros de Castro e a Francine faz um exercício parecido quando em outros trabalhos ela estabelece um diálogo entre o *Regime de Historicidade* Hartogiano e o perspectivismo ameríndio proposto por Eduardo Viveiros de Castro, no que ela provocativamente chama de *regímenes canibais* em alusão ao trabalho do antropólogo brasileiro com os tupinambá e sua relação com o tempo a partir do canibalismo.

É possível dizer que, em ambas autoras, existe uma clara intenção e preocupação em pensar como podem ser abordadas e estudadas as formas de se relacionar e perceber o tempo fora do espaço do europeu, e em como desdobrar estas outras formas desde a própria teoria da história, ou seja, seria necessário sair do eixo ocidental onde estão ancorados os fundamentos da historiografia moderna para refletir e teorizar sobre outro tipo de temporalidades das quais podem ou não, dar conta algumas das principais teorizações sobre o tempo elaboradas até hoje, como os de *Consciência histórica de*

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Jorge Rusen ou o *Tempo histórico* do Kosseleck no caso da Ana Carolina, ou os *Regimens de Historicidade* propostos por Hartog no caso da Francine.

Como já foi dito aqui, uns dos principais argumentos veiculadores destas reflexões é o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e o perspectivismo ameríndio principalmente da região amazônica. Por isso, e devido a tímida entrada do estudo de outras temporalidades que não europeias na teoria da história, considerou que é um campo em aberto, sendo esta uma perspectiva que aponta a ser um dos principais temas de reflexão diante dos diferentes problemas do tempo presente, que esgotou a capacidade explicativa sobre o tempo por parte da disciplina histórica moderna. Aqui é interessante pensar como um novo conceito como o do antropoceno está cada vez mais ganhando força e obrigando a repensar os fundamentos da história como bem nos mostrou Dipesh Chakrabarty.

Dito o anterior, acreditou que uma pesquisa como a que vem sendo desenvolvida, que se colocou como tarefa e objetivo principal de análise uma categoria espaço-temporal andina não ocidental, merece um espaço de reflexão não só como um conceito que foi usado e adaptado no contexto colonial do vice reino do Perú, trabalho que não é menos importante, mas, que amerita diante as atuais circunstâncias e debates ter um apartado e ponto de reflexão e análise sobre como aquele conceito é usado na atualidade. Para tal propósito, conseguimos identificar duas camadas de análise de usos do *pachacuti* na atualidade, elas seriam por um lado, de um caráter que pode ser considerado político/ecológico e outro, e no qual ressalto que é no qual se encaixaria a presente pesquisa é de natureza *epistemológico*.

A diferença do perspectivismo ameríndio exposto por Eduardo Viveiros de Castro em seu ensaio *Perspectivismo e multinaturalismo na América na Indígena* (2017) como forma de pensar outras temporalidades e formas de organização social, o *Pachacuti* tem ganhado uma ampla difusão e apropriação em diversos setores que não se restringem a um espaço fechado. Nossa hipótese nesta parte da pesquisa é que de fato este conceito temporal andino procura responder por meio de seus usos e apropriações no presente a várias crises e incertezas, assim como a reivindicações políticas de diversos agentes e grupos humanos, o que também como veremos ao longo da pesquisa, ocorreu no

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tempo em que foram elaboradas nossas fontes textuais coloniais. Nesse sentido, acreditou que seria importante não congelar o estudo de um conceito num determinado período de tempo, quando no atual contexto ele continua aparecendo em diversos cenários acadêmicos e não acadêmicos.

Por isso e devido ao anterior, para o presente trabalho será importante retomar algumas das figuras principais da historiografia dos últimos anos como Reinhard Kosseleck e Farçois Hartog, aproveitando as pontes e caminhos abertos e percorridos por historiadoras como a Francine Legelski e a Ana Carolina Barbosa sobre o como abordar desde a própria disciplina histórica os tempos ameríndios em especial os sul-americanos, não como algo que tenha que ficar preso à antropologia, e talvez não como um salva-vidas do futuro, e sim como uma melhor forma de se compreender, escrever e fazer história.

Como apontado até agora, nosso embate com a teoria da história e uma crítica contemporânea sobre sua teorização de outras formas de se relacionar com o tempo, nos levou a refletir sobre o possível uso, ressignificação e apropriação do *Pachacuti* no tempo presente. O surgimento desta nova frente e perspectiva de pesquisa nos conduziu ao contato e busca de novas fontes, ditas fontes as achamos no contexto das redes e mídias sociais e digitais.

De acordo com o anterior, foi pensado e está sendo feito um banco de dados como fonte principal de análise sobre os usos do *Pachacuti* no século XXI. Este banco de dados está composto com informações de uma rede social em específico, o Twitter. Desde o ponto de vista metodológico, adotamos certas regras assim como critérios para selecionar os dados oferecidos pela rede social. O primeiro deles se refere a um recorte temporal, onde adotamos a data de início da busca dos tweets a partir do ano de 2012. Nossa hipótese e justificativa sobre a escolha deste recorte temporal é que o ano de 2012 abriu uma série de possibilidades para reivindicar algumas concepções de tempo ameríndias, produto do efeito de umas supostas profecias maias sobre um possível fim ou mudança no mundo em 21 de dezembro de 2012. Isto último foi possível comprovar-lho, por exemplo, numa grande quantidade de tweets que falavam a respeito do ano de 2012 como o começou de um novo *Pachacuti*.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

É assim que, tendo em vista o recorte estabelecido desde o ano de 2012 até o presente e o imenso número de dados que isso pode significar, qualificamos nossa busca por meio de um aplicativo o *twinti*. Este aplicativo funciona por meio de códigos de programação os quais têm a capacidade de fazer uma busca por meio de uma palavra chave -que em nosso caso foi o *pachacuti*- e de baixar e armazenar numa planilha todos os tweets que façam uso e referência à palavra escolhida. Nesta planilha ele armazena em várias colunas informações sobre cada Tweet como data, hora, usuário, localização e o mais importante o link de cada Tweet:

	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	
	user_id	username	name	place	tweet	mentions	urls	photos	reply_count	retweets_count	likes_count	hashtags	cashtags	link	retweeted
1	7625451108522764	@thetotogingert	Theototogingert		Oops I forgot about p	[@stabsound1101, 'ch']			0	0	2			<a href="https://twitter.com/thetotogingert/status/1480444">https://twitter.com/thetotogingert/status/1480444</a>	FA
2	3579704044	@stabsound1101	marjam		pachacuti! abelkita	[@charfil, 'x', 'thevot']			1	0	2			<a href="https://twitter.com/stabsound1101/status/1480444">https://twitter.com/stabsound1101/status/1480444</a>	FA
3	7691530474029820	@charfil_jx	charlotte		obviously dick tugin	[@stabsound1101, 'th']			1	0	0			<a href="https://twitter.com/charfil_jx/status/1480444">https://twitter.com/charfil_jx/status/1480444</a>	FA
4	1159260416697784	@bigboypachacuti	NDL Pachacuti		<a href="pic.twitter.com/hu2u">pic.twitter.com/hu2u</a>	[@stabsound1101]			0	0	0			<a href="https://twitter.com/bigboypachacuti/status/1480444">https://twitter.com/bigboypachacuti/status/1480444</a>	FA
5	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		If we're writing lists of	[@markkaver10, 'truc']			1	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
6	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Well here's a brilliant	<a href="https://www.nereme.com">https://www.nereme.com</a>			0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
7	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		If these people really	'Go home boys and FFS! No words.		<a href="https://www.nereme.com">https://www.nereme.com</a>	0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
8	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Where did all that m	'frees can link manife			2	4	10			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
9	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Why can't we just pe	[@missentthope, 'tru']			0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
10	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		I've no doubt the nat	[@tbbouquet]			0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
11	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Hear! Hear! <a href="https://pic.twitter.com/hu2u">https://pic.twitter.com/hu2u</a>				0	1	1			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
12	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		No.	[@trowy, 'bancubby']			0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
13	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Global governance &				0	1	2			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
14	123098955	@matefalala	pachacuti		Good luck Mr. Brown	<a href="https://www.theguardian.com">https://www.theguardian.com</a>			0	1	0			<a href="https://twitter.com/matefalala/status/1480444">https://twitter.com/matefalala/status/1480444</a>	FA
15	123098955	@matefalala	pachacuti		With record highs of				0	0	0			<a href="https://twitter.com/matefalala/status/1480444">https://twitter.com/matefalala/status/1480444</a>	FA
16	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Ew es el objetivo. L	[@tubno]			0	1	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
17	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Simple	[@patriciajenio]			0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
18	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Moving parliament!	[@terryaero, 'markivi']			2	4	8			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
19	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Pretty bloody amaz	'Where does the man			0	1	1			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
20	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Anyone?				0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
21	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Signified. <a href="https://pic.twitter.com/hu2u">https://pic.twitter.com/hu2u</a>		<a href="https://twitter.com/r/">https://twitter.com/r/</a>		0	1	1			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
22	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Is everything @Real				0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
23	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Given that 'hanna's	[@clinton1550, 'seller']			0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
24	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Can someone explai	<a href="https://data.gov.uk">https://data.gov.uk</a>			0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
25	2777053032	@leladinus1	Spellfinder		It's a word help.		<a href="https://data.gov.uk">https://data.gov.uk</a>		1	0	0			<a href="https://twitter.com/leladinus1/status/1480444">https://twitter.com/leladinus1/status/1480444</a>	FA
26	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Trying to play on Hg		<a href="https://pbs.twimg.co">https://pbs.twimg.co</a>		1	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
27	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Yes. I do know how s				1	0	1			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
28	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		And no, I'm not sug	[@tlickeynolds, 'yba']			1	0	1			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
29	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		As a cross reference	[@tlickeynolds, 'yba']			1	0	1			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
30	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		The malleability of c				0	0	1			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
31	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		This is a classic mat	[@tlickeynolds, 'yba']			0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
32	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		It's a bit under 'or	[@tlickeynolds, 'yba']			1	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
33	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Bloody hell! This is				0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA
34	85772667	@GeorgeTrembath	George Trembath		Clarifying the classic	<a href="https://pic.twitter.com/hu2u">https://pic.twitter.com/hu2u</a>			0	0	0			<a href="https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444">https://twitter.com/georgetrembath/status/1480444</a>	FA

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

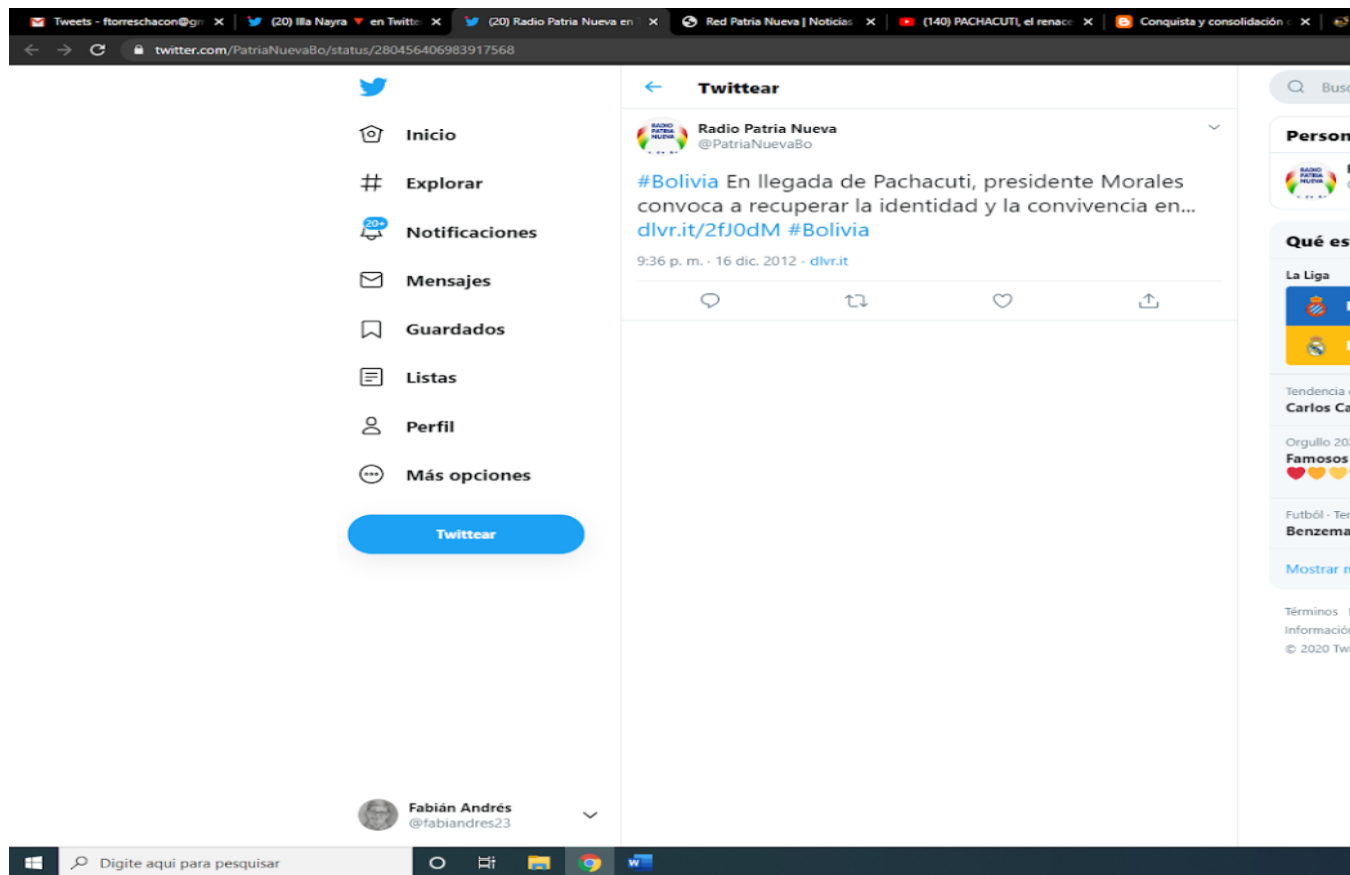
Depois de este primeiro processo de caráter quantitativo, avançamos numa fase mais qualitativa ao avaliar e analisar os dados oferecidos pelo aplicativo. Dessa forma e depois de uma leitura detalhada dos Tweets do ano de 2012 em seu conjunto, assim como outros de anos posteriores, foi possível propor a hipótese de que o *pachacuti* no contexto de uma rede social como Twitter, emerge em duas camadas já comentadas aqui, uma delas político/ecologia e outra epistemológica, vejamos alguns exemplos no âmbito político:

The screenshot shows a Twitter interface on a desktop browser. The browser's address bar displays the URL: [twitter.com/surepresentante/status/153568948791681025](https://twitter.com/surepresentante/status/153568948791681025). The left sidebar contains navigation options: Inicio, Explorar, Notificaciones, Mensajes, Guardados, Listas, Perfil, and Más opciones, along with a blue 'Twittear' button. The main content area shows a tweet from Andres Vasquez (@surepresentante) posted on January 1, 2012, at 6:11 p.m. The tweet text is: "Buenos diiiiiaaasssss.... Feliz feliz primer día del 2012 a tod@s - último año del pachacuti del que habla el P. Evo Morales". Below the tweet are icons for replying, retweeting, liking, and sharing. The right sidebar features a search bar, a 'Personas relevantes' section with a profile for Andres Vasquez, and a 'Qué está pasando' section with trending topics like 'El martes se tiñe de negro para reflexionar sobre el racismo' and 'Samantha Marie Ware acusa a Lea Michele de hacerle pasar un "infierno" en 'Glee''. The Windows taskbar at the bottom shows icons for various applications including File Explorer, Edge, and Spotify.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

The image shows a screenshot of a web browser displaying a Twitter post. The browser's address bar shows the URL [twitter.com/KiweNasa/status/268770950798012417](https://twitter.com/KiweNasa/status/268770950798012417). The browser tabs include WhatsApp, Tweets - floreschacon@gmail.c..., (20) Kiwe Nasa en Twitter: "PACH..., (20) Kiwe Nasa (@KiweNasa) / T..., and (136) Detalles (Detalles) - YouTu... The Twitter interface shows a navigation menu on the left with options: Inicio, Explorar, Notificaciones (33), Mensajes, Guardados, Listas, Perfil, and Más opciones. A blue 'Twttear' button is at the bottom of the menu. The main content area shows a tweet from Kiwe Nasa (@KiweNasa) with the text: "PACHACUTI Y EL 2012 Pacha =Tierra, tiempo, espacio /Cutí = Cambio/transformacion/retorno.Pachacuti = Cambio de tiempo/retorno d los tiempos". The tweet is dated "3:42 p. m. · 14 nov. 2012" and is from "TweetDeck". Below the text are icons for replying, retweeting, liking, and sharing. At the bottom of the tweet area, the name "Fabian Andrés" and handle "@fabianandres23" are visible. The Windows taskbar at the bottom shows the search bar with the text "Digite aqui para pesquisar" and icons for the Start menu, Task View, File Explorer, Chrome, and Word.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Outro exemplo que chamou nossa atenção foi a partir de uma entrevista feita ao teórico decolonial Ramon Grosfoguel sobre as revoltas da Catalunha no ano de 2019:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



A entrevista publicada no Twitter por um meio de comunicação catalão, começou a ter um grande impacto e vários retweets de diversos usuários que adotaram a proposta do teórico decolonial de entender as revoltas catalãs sob a lente de um novo *Pachacuti*:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

This screenshot shows a Twitter interface with a tweet from Nuria Calafell (@nuria\_calafell) posted on September 28, 2019, at 6:18 p.m. The tweet text is in Catalan: "#FAQSpachacutiTV3 Com a transformador de la terra que Pachacuti ens doni energia per la lluita que hem d'enfocar". The tweet has 1 like. The interface includes a left sidebar with navigation options like 'Inicio', 'Explorar', and 'Notificaciones', and a right sidebar with 'Personas relevantes' and 'Qué está pasando' sections. The browser's taskbar at the bottom shows several PDF files.

This screenshot shows a Twitter thread from Axuntament Quartell (@AxuntamentQtell) posted on September 28, 2019, at 7:02 p.m. The main tweet says: "Hi ha que escoltar ara mateix al Professor Ramon @ProfGrosfoguel i entendre el concepte 'pachacuti'. A #FAQSpachacutiTV3". Below it is a reply: "En resposta a @AxuntamentQtell #FAQSpachacutiTV3 '-El PSOE es extrema derecha en Catalunya. -Qui ho diu això? -Yo lo digo' Valent @ProfGrosfoguel, chapeau!". The thread has 4 likes. The interface is similar to the first screenshot, showing navigation options and trending topics. The browser's taskbar shows the same PDF files as the first screenshot.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Tweets - ftoreschacon@gmail.co... (5) LaNoiaDelPaísDelNord en Twi... La Máxima 89.1 FM - Al máximo... +

twitter.com/NoiaNord/status/1178067540280520704

**Twitter**

LaNoiaDelPaísDelNord @NoiaNord

#FAQSpachacutiTV3

Pachacuti=Transformació del poble català a Nivell Dios

Traducir Tweet

7:02 p. m. · 28 sept. 2019 · Twitter for Android

1 Me gusta

Buscar en Twitter

**Personas relevantes**

LaNoiaDelPaísDelNord @NoiaNord [Seguir](#)

Amb la caiguda de Barcelona, l'11 de setembre del 1714, Catalunya va perdre les seves institucions de govern que havia mantingut des de l'època medieval.

**Qué está pasando**

Livros · Esta mañana

Saiu o novo livro de 'Jogos Vorazes'; versão em português chega em junho

#EpicMegaSale

GTAV grátis para PC até 21 de maio. Tenha para sempre.

Promocionado por Epic Games Store

Tecnología · Tendencia

guzman

19,5 mil Tweets

UOL TV e Fa... · Hace 12 minutos

"Esquecidas no churrasco": 10 anos depois, Bombom esclarece o meme

Ve a Configuração para a

LOPES, Joao Paulo....pdf Os limites entre a...pdf LOPES, Joao Paulo....pdf Eliminado Negros distintos -...pdf SPIVAK, Gayatri Ch....pdf

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



A partir da circulação no Twitter da entrevista feita ao professor Grosfoguel e por meio da criação de um hastag #FAQPACHACUTITV3 - um fenômeno próprio das redes sociais para viralizar algum tema em específico e fazê-lo tendência- o tema do *Pachacuti* começou a ganhar uma certa relação aos movimentos independentistas da Catalunha no contexto dessa rede social, ou seja, uma voz intelectual desde uma perspectiva epistemológica e política tentou reivindicar o *Pachacuti* e associá-lo com as diversas manifestações, transformações e mudanças por parte da causa independentista catalã.

Esses são alguns primeiros exemplos do tipo de informação e evidência apresentada pela rede social, que permite a interação e usos do *pachacuti* por parte de usuários “comuns” assim como também de meios de comunicação como os que entrevistaram ao professor Grosfoguel, ou

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

organizações indígenas como o perfil dos *kiwe nasa* da região andina da Colômbia. Essas primeiras amostragens de dados, foi o que nos levou e possibilitou propor as duas camadas de análise do *pachacuti* no mundo contemporâneo, uma de um teor mais político como foi possível ver nos primeiros três tweets, e outro de tipo mais epistemológico onde dito conceito é usado de parte de certos setores acadêmicos para reivindicar outras formas de representar o tempo, assim como diversos contextos e conjunturas históricas.

É claro que esta nova abordagem precisa ser aprimorada e amadurecida com discussões de cunho mais teórico numa área recente como a *história digital*, pois nosso objetivo também é recorrer e nos auxiliar em outros recursos digitais onde circule e se faça uma apropriação do *pachacuti*. No entanto, é importante deixar aqui registrado que no conjunto da tese faremos e terá espaço uma reflexão que conecte as concepções de tempo a serem estudadas no período colonial andino com a teoria da história e sua relação com *outras temporalidades* e, como ditas outras formas de se relacionar com o tempo emergem ainda hoje nos tempos atuais, no contexto do mundo digital. Em suma, é essa linha de raciocínio entre os tempos ameríndios e história indígena, teoria da história e mundo digital, sobre o que pretendemos escrever pelo menos um capítulo de nossa tese, onde consigamos expor todos os dados recolhidos e analisados que sustentam nossa hipótese de uma atual emergência de experiências temporais ameríndias em várias camadas diferentes. Isto sem deixar de lado as análises das fontes textuais coloniais dos séculos XVI e XVII.

## **O Tempo e história andina em disputa**

Recentemente foi publicado em formato de livro a tese de livre docência do professor Eduardo Natalino Dos santos *Textos e imagens, histórias e cosmologias indígenas da Mesoamérica e andes centrais* (2019) do qual ressaltamos entre seus vários aportes aos estudos da história indígena, o que ele chama de *Tradições de pensamento e escrita andina e mesoamericana*. Para o professor Eduardo Natalino esta categoria analítica se refere à existência de determinados grupos e sujeitos encarregados

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de sistematizar, transformar e comunicar as diversas formas de compreender, se relacionar, gerar e produzir explicações sobre o mundo natural e social. Natalino além disso acrescenta que, esta categoria de análise seria uma possível porta de entrada para *a compreensão das atuações e percepções de mundo dos povos ameríndios segundo seus próprios termos concepções e saberes*. O grande debate da tese do professor Eduardo estaria nas transformações das cosmologias e histórias ameríndias do final do período prehispânico até a época colonial inicial andina e mesoamericana.

A importância de dita categoria na presente pesquisa, está em que desde nosso ponto de vista, todos nossos cronistas e textos propostos para análise e estudo podem ser contemplados nessa categoria, e em especial os três primeiros cronistas escolhidos para analisar, pois estes fizeram parte o tiveram algum grau de relevância, circulação e importância no seio da sociedade colonial, estamos falando de Felipe Guaman Poma de Ayala e seu *El Nueva coronica y buen gobierno*, Juan de Santa Cruz Pachacuti e *La relación de antigüedades deste reyno del Perú*, e O Inca Garcilaso de la Vega com seus *Comentarios reales de los Incas*, fonte a qual não fazia parte de nosso acervo inicial de análise, mas que, diante a diversa bibliografia encontrada sobre ela assim como da possibilidade de contrastar seu uso do passado e história andina em relação aos outros cronistas nascidos na América, se decidiu incluí-la em nosso acervo de fontes para aprofundar nossa análise.

Se bem como apontado no projeto inicial, nosso estudo tem como objetivo principal o conceito espaço-temporal andino de *pachacuti*, decidimos neste primeiro capítulo direcionar nossos esforços em delimitar através de uma primeira leitura, um recorte de temas ou itens específicos que considero como momentos chaves e de rupturas ou (*pachacutis*) ao interior da narrativa dos documentos. Em outras palavras, propomos que é a partir destes eventos que seria possível entender um pouco melhor a mobilização, uso e apropriação que fazem os cronistas do passado e tempo andino, o que nos levaria a um campo mais fértil na hora de compreender conceitos de tempo e espaço como o *pachacuti*. Isto é com o objetivo de não cair numa simples definição conceitual vazia e sem sentido, pois acreditamos que dita categoria faz parte de um universo bastante amplo sobre as explicações e formas de se relacionar com o passado nos textos coloniais dos séculos XVI e XVII.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Dito o anterior, neste primeiro capítulo analisaremos de forma crítica e comparativa os três textos e cronistas assinalados acima, tendo como critérios a seguinte seleção de temas e subtemas: **a)** A primeira criação das coisas e de humanidade no geral, **b)** A criação do mundo andino e suas gentes, **b1)** A participação de divindades criadoras, **b2)** Dilúvios e inundações **c)** a descrição das primeiras humanidades antes da chegada dos incas, **d)** A chegada do inca ao poder nos Andes, **e)** a presença nos Andes e na América do suposto apóstolo São Tomé o São Bartolomé, **f)** O governo do famoso Inca Pachacuti Yupanqui, **g)** Governo e guerra entre Huascar e Atahuallpa, **h)** a chegada espanhóis e execução de Atahualpa, **i)** A guerra entre Pizarro e Almagro, **j)** a derrota do último reduto de resistência inca em Vilcabamba.

Tenho que aclarar que, nesta primeira seção deixamos de lado o *Manuscrito de Huarochiri* em razão da suas características narrativas, tanto na sua escrita que foge um pouco ao modelo de *Crônica* ou *Relación* de nossos primeiros três textos, quanto no sentido das suas próprias informações ao narrar as histórias dos homens e *huacas* locais da região de Huarochiri. Também é importante dizer que, ao longo da pesquisa e enquanto continuamos com a leitura das nossas outras fontes dos clérigos e funcionários espanhóis, é altamente provável que surjam novas formas de articulação e agrupamento das fontes, quer dizer, esta primeira tentativa de capítulo resulta de um primer recorte e foco de análise em três cronistas que apresentavam versoês muito instigantes na hora de compará-las sobre o passado andino, mas, isto não significa que já tenhamos feito uma taxonomia das fontes, pois isto, sobre semelhanças e discrepâncias das fontes assim como seus agrupamentos de acordo ao seus conteúdos sefa também uns dos resultados da presente pesquisa.

Por outro lado, também é importante dizer que outro evento que surgiu no decorrer deste primeiro ano de pesquisa e que não foi contemplado no projeto apresentado inicialmente, foi o movimento chamado *Taqui Onqoy*, ou *rebelião das huacas* ou *enfermedad del canto* que não foi incluído na primeira seleção temática que fiz sobre os três primeiros textos ao analisar, pois as principais notícias sobre o *Taqui Onqoy* são encontrados nas informações de Cristobal de Albornoz documento o qual terá seu espaço nos próximos capítulos, pois de fato o *Taqui Onqoy* mobilizou

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

aspectos das cosmologias andinas em forma de resistência ao deus cristão e a uma possível volta das antigas divindades e ordem andina prehispânica, algo que também terá relação com um conceito que será abordado ao longo desta tese e neste capítulo, o *Messianismo*.

Por último, é importante dizer que, com fins de cumprir os objetivos deste primeiro capítulo, algumas discussões que serão aqui apresentadas, tiveram seu início e serão retomadas da minha trajetória de pesquisa principalmente no referente às idades que apresentam Guaman Poma de Ayala e Juan de Santa Cruz Pachacuti. Foi necessário retomar determinados debates à luz de bibliografia atualizada e um amadurecimento na leitura crítica de fontes .

## I

### **Três cronistas entre vários mundos**

Os três cronistas seleccionados para esta primeira seção tem um fator em comum: são nascidos no Andes, porém, um deles somente conta com ascendência andina por parte da mãe, o que o definiria como sujeito mestizo, que é caso do Inca Garcilaso de la Vega. Em relação à produção bibliográfica sobre os autores e seus textos temos que dizer que o menos favorecido e talvez pelo relativo pequeno volume de seu documento em relação aos outros, é Juan de Santa Cruz Pachacuti, já no caso do Guaman Poma de Ayala e o Inca Garcilaso o panorama é totalmente diferente, porque além de contar com inúmeras edições de seus manuscritos, eles possuem praticamente um campo de estudo, até congressos acadêmicos dedicados a ditos autores.

Como comentado brevemente no início, em nosso projeto inicial da tese, tentamos elucidar algumas propostas de classificação de fontes ou agrupamento das mesmas, relacionados aos seus contextos de produção intelectual, político, sociais e temporal e como isto se relacionava aos usos e ressignificações do passado andino. Frank Salomon num texto de 1988 intitulado *crónica de los imposible: notas sobre tres historiadores indígenas peruanos* Afirma que entre as quatro crônicas que podem ser consideradas como *indígenas* estariam a *Relación* de Santa Cruz Pachacuti e a *Nueva Cronica* de Felipe Guaman Poma de Ayala. Sobre isso, surge o interrogante e é a partir de

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que critérios se poderia avaliar uma suposta *indigenidade* desses textos. Um problema é, por exemplo, onde poderíamos encaixar as crônicas que não foram elaboradas por autores com algum tipo de vínculo sanguíneo andino, mas que contaram com amplas e vastas informações dos nativos para a confecção de seus escritos, para o literato suíço Martin Lienhard na obra *La voz y su huella: escritura y conflicto étnico social en América latina* (1990) todos os documentos que contaram com a colaboração e informantes indígenas poderiam ser incluídos naquela definição proposta por Salomon.

Provavelmente uma definição mais exata e abrangente das fontes é a proposta por Eduardo Natalino dos Santos como *Fontes históricas nativas coloniais* (2007) no qual o autor inclui as *fontes históricas nativas andinas* e nas que estariam contempladas nossas fontes propostas para pesquisa, as quais segundo o autor, poderiam ser subdivididas em pequenos grupos de acordo a critérios como: a época de produção, a região de origem, o status étnico-social de seu autor, entre outros. É claro que o debate sobre o agrupamento e articulação da diversidade de fontes do passado colonial andino é longo, porém, um dos possíveis frutos da presente pesquisa, será pensar em novos cruzamentos das fontes, de acordo com o uso do tempo e de categorias de pensamento andina como o *pachacuti*. Talvez, o principal empecilho deste exercício seja distinguir, nessas fontes, a diminuta linha que divide as informações de tipo orais nativas e os modelos de pensamento e tempo europeu. Com isso, esperamos aportar ao debate novas miradas e perspectivas de possíveis agrupamentos e abordagem dessas fontes ou não.

Por outro lado, e falando sobre os textos dos autores que nos ocupa neste primeiro capítulo, comentamos que existe entre eles uma diferença em relação ao que se tem produzido sobre, tanto assim que no caso de Guaman Poma e o Inca Garcilaso tem se desenvolvido nos últimos anos as primeiras tentativas de uso e re significação desses textos no tempo presente. No caso do Guaman Poma de Ayala, ele tem sido adoptado como um ícone e como o iniciante sobre o chamado *Giro decolonial* e *desprendimiento epistêmico* pelo grupo de intelectuais decoloniais latinoamericanos (algo bem debatível e questionável) principalmente por Walter Mignolo, assim como o próprio

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Garcilaso sobre o qual já existe um trabalho do reconhecido Garcilanista Jose Antonio Mazzoti como um título bastante provocativo *El inca Garcilaso y el calentamiento Global: Claves para una lectura contemporânea de los comentarios reales* do ano de 2018.

O recorte temático proposto acima como parâmetro de análise na hora de abordar nossos textos está fundamentado numa relativa semelhança narrativa e construção discursiva dos mesmos, quer dizer, os três textos descrevem e abarcam o período de tempo acontecido entre a *criação do mundo* e das gentes dos Andes até a chegadas dos espanhóis. Porém, tanto os textos do Guaman Poma como o do Inca Garcilaso também permitem fazer algum tipo de avaliação sobre a estadia dos espanhóis na América, pois uma boa parte de suas obras fazem referência aos primeiros anos e décadas da administração colonial no Perú. Falarei na sequência alguns dados relevantes e contextuais de cada obra e autor

Não são poucos os estudos e elogios sobre a vida e obra do inca Garcilaso de la Vega, por exemplo, a famosa literata Mercedes López-Baralt (2017) o define como o primer etnólogo e historiador peruano, assim como o fundador do cânon literário latinoamericano, e é que de fato a figura do Inca garcilaso caminha e oscila principalmente entre os estudos literários linguísticos e em menor medida dos históricos.

Sobre a vida do autor dos *Comentarios reales* um dos pontos mais relevantes é sua posição privilegiada ao interior da sociedade colonial por ser filho da elite incaica, mas especificamente da princesa inca *Chimpu Uqllu*. Seu engajamento e crescimento ao interior da nobreza incaica faria com que, segundo Sérgio Villagra (2012) o inca fosse um falante de quechua competente, no entanto, para o autor o mais importante dessa herança materna no Inca do Garcilaso seria:

Sus diversas formas de conocimiento empírico, de la tradición oral, de los quipus y de las pinturas, de la memoria de su propia familia, le aportaron una importante experiencia como miembro o sujeto integrante de su cultura matriz. (VILLAGRA, 2012, p. 24).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

É por isso que um dos outros fatores em comum dos três autores em questão é sua forte vinculação à suas etnias de origem, a inca para Garcilaso, a colla para Santa Cruz Pachacuti e yarovilca para Guaman Poma de Ayala. Nesse sentido, tanto a língua espanhola quanto suas formações dentro do catolicismo foram provavelmente aprendidas e incorporadas ao longo do tempo, até chegar ao ponto de ter a capacidade e posição social de produzir textos alfabéticos onde conseguiram incluir suas raízes andinas e ancestrais. É de ali que provém um dos aspectos que mais chamam atenção da vida dos autores: seu ir e voltar entres os dois mundos ou vários mundos.

Os *Comentarios reales*, escritos entre 1590 e 1604, não foram a única obra elaborada pelo Inca Garcilaso, dele se conhecem outros textos de igual ou de maior relevância nas letras vice reais, entre as quais estão *La Florida del Inca* do ano de 1605. No entanto, são os *Comentarios* os que tem chamado mais atenção dos historiadores pelas ricas descrições que faz do passado preincaico até alguns anos posteriores a chegada do Pizarro . A obra está dividida em duas partes, a primeira delas dedicada quase na sua totalidade a história e sucessão e dinastia inca assim como as eras que aconteceram antes deles, e uma segunda parte sobre o processo conquistador iberico no Perú. Isto último faria que, segundo o Garcilanista Jose Antonio Mazzoti (2017) os *Comentarios reales* fossem considerados como un *Verdadero emporio de sabiduria, superior en muchos aspectos a lo que se conocía sobre la administración incaica y su territorio en su momento*.

No caso do cronista índio Guaman Poma de Ayala, seu texto, salvando as devidas proporções, é bastante parecido na extensão e organização temática ao do Inca Garcilaso. Sobre a vida do autor, alguns de suas grandes estudiosas como Rolena Adorno vem desenvolvendo ao longo do tempo vários esforços para através da biografia do autor compreender e entender vários aspectos de sua obra, desde as datas em que foi elaborada como as informações que se encontram nela mesma. Esta mesma autora propoem como possiveis data de nascimento do autor entre os anos de 1530-1550 e a sua morte pouco depois de 1615, ou seja, será um ator presencial do governo e políticas do vice rei Toledo, sendo estas talvez uma das principais causas de seus reclamos sobre o sistema colonial.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O índio ladino nascido em Huamanga construiu uma obra tremenda que retomando a Lopez Baralt em seu trabalho sobre o Guaman Poma *Icono y conquista* (1999) a define como *una crónica de indias que trata del hecho de americano, como una guía de criterio cronológico, de carácter localista a pesar de iniciar con un panorama universal, como una etnografía, multilingüe, y como una relación privada escrita por un autor amerindio que uso las convenciones retóricas occidentales desde una perspectiva nativista.*

A *Nueva Cronica y Buen Gobierno* iniciada aproximadamente a finais do século XVI e terminada até 1615 mais o menos, está dividida em duas grandes partes, a primeira delas que seria a parte correspondiente a *Nueva Cronica*, narra desde os inícios da história universal com Adão e Eva como pais da humanidade até as guerras civis entre Francisco Pizarro e Diego de Almagro, e uma segunda parte que corresponderia ao *Buen Gobierno* onde o autor baseado na sua narrativa histórica da *Nueva Cronica* expõe e faz as principais denúncias do sistema colonial sobre as injustiças e agravios aos *pobres yndios* del Perú, evocando em muitas ocasiões a expressão *Y anci no ay rremedio*. No entanto, alguns estudos recentes nos dizem que na verdade a obra do Guaman Poma é mais complexa na sua divisão e conteúdo, um desses autores é o Galen Brokaw (2020) que fazendo um apanhado de todos os estudos feitos até agora sobre o Guaman Poma, nos diz que :

la Nueva Cronica y Buen Gobierno es un texto extraordinariamente complejo y multidimensional cuya comprensión exige una contextualización histórica y cultural bastante amplia. El título de la obra sugiere que se organiza en dos partes: una crónica y un buen gobierno. Sin embargo, las convenciones paratextuales dividen el texto en tres o cuatro secciones que tratan de temas diversos como la sociedad indígena prehispánica: su historia y su gobierno, la conquista española y la administración colonial, el calendario y sus actividades (laica y espirituales) relacionadas entre sí, un perfil de las ciudades del Perú colonial y consejos para reformar la administración colonial entre otros. (BROKAW, 2020, p. 58).

Coincidimos na pluralidade de temas que contém a *Nueva Cronica* de Felipe Guaman Poma de Ayala, a riqueza de tamanha obra nos permitirá avaliar diversas variantes sobre o uso do tempo e de conceitos como o *pachacuti* não só na primeira parte da seu texto como se faz na maioria

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

das vezes, e sim em todo seu conjunto, pois é tão importante a história que o autor elabora do passado prehispânico, assim como sua avaliação da estadia dos conquistadores nos Andes.

Sobre Juan de Santa Cruz Pachacuti, um dos editores da sua *Relación*, Carlos Aranibar, aponta que sobre a biografia do autor somente contamos com os próprios dados que ele mesmo registrou em seu escrito, para o autor são tão poucas as informações sobre o cronista que *Un párrafo sería suficiente si solo fuera cosa de trazar la biografía del yamque Juan de Santa Cruz Pachacuti, cronista indio que pergueño a comienzos del siglo XVII una valiosa y muy poco divulgada historia de los incas*. o cronista no seu texto diz originário de :

Yo, don Juan de Santacruz Pachacuti yamque Salca Maihua, cristiano por la gracia de dios nuestro señor, natural de los pueblos de Santiago de hanan Huaihua y Hurin canchis de Orcosuyo entre canas y Canchis de Collasuyo. (PACHACUTI, 1996, p. )

Santa Cruz Pachacuti revela dois aspectos importantes e talvez os que mais definem e pautam as tensões mais visíveis na sua *Relación*, que são como veremos ao longo deste capítulo, sua origem e pertencimento à região do *Collasuyo* e seu constante ênfase em ser totalmente adepto crente e filho de deus. Esses dois pontos essenciais na vida do Pachacuti definirão e de alguma maneira explicaram grande parte da sua narrativa e discursividade histórica. É muito provável que sua militância na fé cristã corresponda ao origen de seu documento, pois este foi encontrado segundo o mesmo Aranibar nos papéis do famoso extirpador de idolatrias Francisco de Avila, por isso é possível que a *Relación* tenha sido elaborada antes de 1630.

## II

### De Adão a Manco Capác de Eva a *Mama Ocllo/Huaco*

A construção de uma narrativa histórica sobre o passado andino pre-inca, aparece como um dos principais argumentos para se posicionar política e socialmente de parte dos cronistas em questão diante da administração colonial, ou seja, era importante para eles delimitar uma posição e

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

valoração negativa ou positiva a respeito dos últimos governantes e dominadores do espaço andino antes da chegada dos espanhóis. Isto estaria estimulado pelos mais variados objetivos e fins políticos que pretendiam atingir os cronistas com a produção de seus manuscritos.

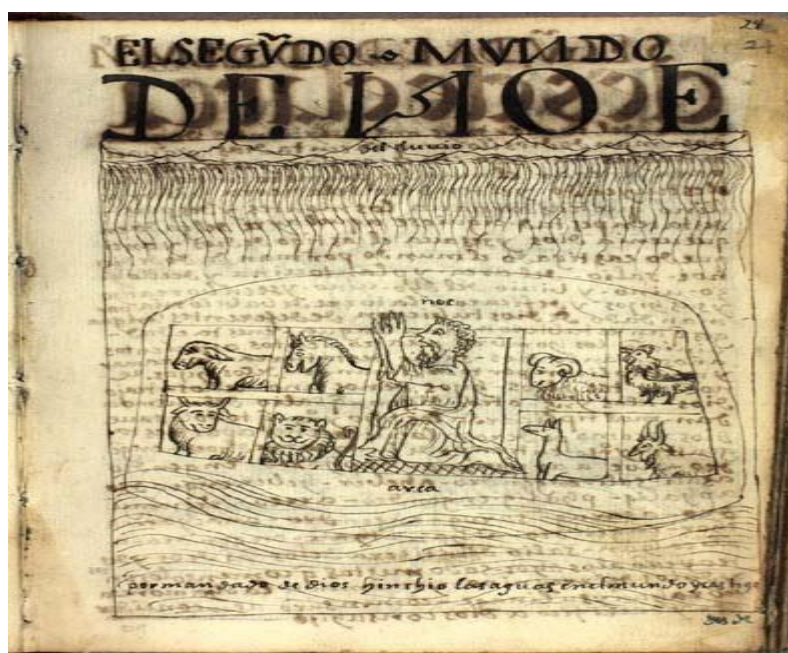
Um dos pontos de partida para a presente análise devem ser os modelos historiográficos com os quais os cronistas começaram a elaborar suas histórias dos Andes, sobre qual tipo de filtro e forma de se escrever a história esses autores julgaram e encaixaram os relatos orais aos quais tiveram acesso ao longo da sua vida. Aqui nos encontramos com um duplo exercício por parte dos cronistas que se proclamavam como conhecedores de *viva voz* das histórias de seus ancestrais, assim como com o poder, graça e conhecimento do deus cristão para avaliar ditas histórias e serem levadas escrita alfabética cristã da época.

Se bem nossos três cronistas tiveram uma comum preocupação em relacionar o passado prehispânico a alguns eventos e milagres do mundo cristão, assim como uma urgência política em reivindicar um prévio conhecimento e preparação para o conhecimento do Deus dos povos andinos, exceptuando o Garcilaso, somente seria Guaman Poma de Ayala quem desde o início de seu texto procura vincular a história *universal* de matriz cristã/bíblica com a história andina. Aqui voltamos à definição da López -Baralt ao calificar a história do Guaman Poma como de caráter universal e providencialista.

Sobre o anterior, Liliana Regalado de Hurtado (2010) comenta que a ideia sobre uma vocação universal da história com um início e fim, assim como a concepção de dita história como caminho para a salvação, encontra-se num período de transição entre o fim do mundo antigo e o começo do medieval. A autora acrescenta que uma das grandes influências da concepção cristã do tempo e da história na época foi a noção de revelação, quer dizer, que o plano de Deus (o único) se revela aos homens através do simbólico e alegórico, a história passará a ser a peregrinação até a salvação com Cristo como protagonista principal deste processo, que vai desde a criação genesiana até o fim dos tempos ou o apocalipse.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Falamos no início que o único que faz uma menção explícita ao gênesis bíblico é Guaman Poma de Ayala, além de registrar outros eventos importantes da bíblia e que teriam relação com a ideia universal do povoamento do mundo. Nesta questão é importante para abrir o análise e ilustrar melhor o *Gênesis GuamanPomiano* o desenho do autor sobre a Arca de Noé onde inclui uma espécie originária dos Andes Centrais, uma *Llama*:



El segundo mundo de Noé, p. 24

tomada de : <http://www5.kb.dk/permalink/2006/poma/24/es/text/?open=idm45821230772128>

Para Fernando Amaya Farias (2012), Guaman Poma cristianiza os relatos andinos da criação, para o autor, em dita construção o cronista ladino pretende mostrar que o universo indígena es produto de um longo processo criacional por parte do deus cristão ao interior da diversidade humana. Em efeito, a proposta universalizante de Guaman Poma começa com os que seriam os pais da humanidade Adão e Eva :

Primera generación del mundo de Adan y su mujer Eva fue criado por Dios su cuerpo e anima [...] Estos dichos hombres (descendientes de Adão e Eva) cada uno de ellos y sus multiplicó vivieron muy muchos años, solo Adan y Eva vivirían dos o tres mil años, parian de dos en dos. Y así fue necesario henchir el mundo de gente. ( GUAMAN POMA, 2008, p. 25).

Apesar de que Guaman Poma identifica a origem universal de tudo com a referência de Adão e Eva, é só a partir de Noé e do dilúvio que os primeiros *runa* ou gentes do mundo

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

andino viriam aparecer. Neste ponto acredito que existe um primeiro exercício do autor andino sobre uma mobilização e uso tanto do passado e história cristã/universal assim como do andino, com um teor mais político e em menor grau religioso. Isto último, muito provavelmente obedeceria a uma intenção de parte do autor índio por marcar e enfatizar uma distância de tipo moral das primeiras humanidades dos Andes em relação aos homens e as causas que provocaram o primeiro castigo do deus cristão sobre a terra com o dilúvio:

Estuvo lleno el mundo de hombres que no cabían, y éstos no conocieron a criador y hacedor de los hombres, y así de esto mandó Dios fuese castigado el mundo, dentro, todo criado, por sus pecados fue castigado con las aguas del diluvio y fue determinado por Dios que se salvaré Noé con sus hijos en la arca de Dios. (GUAMAN POMA, 2008, p. 25)

Nesse sentido, seria possível afirmar que um dos principais argumentos na plataforma política de reclamações por um *Buen Gobierno* por parte de cronista índio é a construção de uma narrativa histórica e diferença entre a própria origem genesianica do mundo e o surgimento das primeiras humanidades andinas. Esta ideia que estou propondo pode ser reforçada por exemplo na distinção que ele faz sobre que os homens da época de Noé *no conocieron al criador y hacedor de los hombres* em contraposição a primeira geração andina que sairia após dilúvio de Noé chamada de *Uari Uiracocha Runa* sobre os quais comenta que *!Oh que guente buena!, tenían una sombrilla y luz del conocimiento y hacedor del cielo y de la tierra.*

A pesar de que a versão da origem dos andinos que faz Guaman Poma as vezes é um pouco confusa e contraditória pois também afirma que poderiam ter saído do Adão, o mesmo autor cada vez que inicia a narração sobre uma nova era ou humanidade andina sempre faz um percurso genealógico colocando o início dos mesmos após o dilúvio. É assim que, de acordo a Guaman Poma e como tentarei demonstrar ao longo deste capítulo, o tipo de sociedade ideal, com um certo grau de inocência e conhecimento de Deus e seus mandamentos está entre a descendência de Noé e a última humanidade andina antes dos incas, mas, sobre isso aprofundaremos mais adiante.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No que se refere aos textos do Inca Garcilaso e de Juan de Santa Cruz Pachacuti, estes não fazem uma menção explícita ao gênesis cristão, no entanto, seus escritos começam pela descrição de umas primeiras idades andinas com valorações totalmente diferentes das que faz Guaman Poma de Ayala.

No caso dos *Comentarios Reales* do Inca Garcilaso de la Vega encontramos no início do seu texto uma preocupação sobre a descrição de *si el mundo es uno solo o hay muchos mundos*. O Inca dá o apelativo de *heréticas imaginaciones* as versões que duvidam tanto da existência de um mundo só, como da redondez do mesmo, além disso, o autor faz referências às várias zonas do mundo das quais segundo o Inca nenhuma seria inhabitável porque *En buena consideración no es de imaginar, cuánto más de creer, que partes tan grandes del mundo las hiciese Dios inútiles habiendolo criado todo para que lo habitasen los hombres*.

A pesar de que o Inca Garcilaso não se afasta dos principais preceitos do cristianismo sobre a existência de um deus criador único de todo, uma marcada diferença com o Guaman Poma é sua quase sua indiferença para explicar o origem dos andinos como ele aponta na seguinte passagem :

Y porque en cosas tan inciertas, es perdido el trabajo que se gasta en quererlas saber, las dejáfe, porque tengo menos suficiencia en otro para inquirirlas. **Solamente trataré del origen de los reyes incas y de la sucesión dellos, sus conquistas sus leyes y gobierno en paz y en guerra** (GARCILASO DE LA VEGA, xxx, p. 20)

O Inca Garcilaso dedica poucas linhas ao que seria a possível origem e povoamento do chamado *Novo Mundo*, isso em parte pode corresponder como bem aponta o trecho citado, a sua preferência com o período de dominação incaica. Aqui novamente é importante frisar o distanciamento no que a mobilização, apresentação e tessitura do discurso histórico se refere em comparação ao Guaman Poma de Ayala, porque, enquanto para o Guaman Poma a principal ferramenta política diante do Rei Felipe III é a exaltação moral dos primeiros andinos, para o Inca Garcilaso sua filiação à elite incaica faz com que sua valoração do período inca tenha mais importância e protagonismo no seu texto que as eras ou períodos anteriores aos incas.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Por outro lado, Don Juan de Santa Cruz Pachacuti da abertura a sua crônica fazendo quase um manifesto sobre sua defesa da igreja em Roma y militancia no catolicismo como crente na trindade e no deus único e criador das coisas, isto provavelmente se deve a seu envolvimento numa instituição como a Extirpação de Idolatrias a inícios do século XVII:

Como digo, creo en dios trino y uno, el cual poderoso dios que creó el cielo y la tierra y todas las cosas que en ellos están, como sol y luna, estrellas, luceros rayos, relámpagos y truenos y todos los elementos. Luego creó al primer hombre Adán y a Eva su mujer, a su imagen y semejanza, progenitores del genero humano, cuya descendencia somos los naturales de Tauantinsuyo como las demas naciones que están pobladas en todo el universo mundo, así blanco y negros. (PACHACUTI, 1995, p. 4-5).

Santa Cruz Pachacuti segue a mesma linha do Guaman Poma ao estabelecer uma genealogia direta entre os primeiros seres criados por o deus cristão e os primeiros habitantes do Tahuantinsuyo, nenhum dos dois cronistas faz algum tipo de alusão sobre as diversas possibilidades de povoamento do continente americano como faz por exemplo Garcilaso, para eles o mais importante e no que focam sua ênfase é sobre a adesão da história andina à história gesianica/universal. No entanto, considero que a origem genesianica dos povos dos Andes centrais, é apenas a abertura que farão tanto Guaman Poma quanto Santa Cruz Pachacuti para de algum modo defender uma das ideias principais de seus textos, que é a inclusão e compactação entre os povos andinos e a história bíblica/cristã.

Nesse sentido propomos que a existência de um afastamento entre o Inca Garcilaso de um lado, e Guaman Poma e Juan de Santa Cruz Pachacuti do outro, será mais evidente na descrição que os autores fazem da origem do *Novo Mundo* até a chegada e assentamento dos incas na capital do poder cuzquenha. É naquele contexto onde o uso e a apropriação do passado andino é mobilizado de forma bastante divergente entre os autores, algo que corresponderia segundo nossa interpretação ao pertencimento tanto do Guaman Poma como do Santa Cruz Pachacuti a etnias e grupos que estavam sob dominação dos Incas, entanto que pelo lado do Garcilaso sua ligação materna a elite fará com que esteja mais preocupado com a história inca além de ponderar uma presença de valores morais nos Andes somente a partir da era inca.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Estas questões levantadas acima nos podem levar a pensar em como é difícil e pouco frutífero aos estudos históricos sobre o período colonial e prehispânico da América, estabelecer dicotomias ou generalizações fechadas sobre *dominadores e dominados* sem que se leve em conta as diversas formas de agência por parte dos sujeitos que às vezes podem ser vistos como simples *dominados* sem perceber como acionaram diversos mecanismos de resposta e resistência no contexto do mundo colonial, por exemplo na hora de elaborar e emitir um discurso histórico sobre seus antepassados.

Voltando ao Inca Garcilaso e mais especificamente ao capítulo IX intitulado *La idolatria y los dioses que adoraban antes de los Incas* de seu livro primeiro dos *Comentarios reales*, o autor mestizo faz uma divisão que para o presente trabalho interessa muito. O inca nos diz que:

Para que se entienda mejor la idolatría, vida y costumbre de los indios del Perú, será necesario dividamos aquellos siglos en dos edades: diremos cómo vivían antes de los Incas y luego diremos como gobernaron aquellos Reyes, para que no se confunda lo uno con lo otro ni se atribuyan las costumbres ni los dioses de los unos a los otros. (GARCILASO DE LA VEGA, xxx, p. 36)

O autor deixa bem explícito qual será o tom de desenvolvimento de seu relato, estabelecendo uma divisão entre período inca e pré inca. Para Garcilaso é de vital importância estipular uma diferença entre o que ela chama de *primera edad y antigua gentilidad* e o governo dos reis incas, pois para ele foi naquela *antigua gentilidad* onde teria lugar alguns dos principais erros e vícios, entre eles um dos mais condenáveis no contexto do catolicismo colonial, a *Idolatria*. É assim que acreditamos que tem e toma mais sentido o porque do Inca não falar nada a respeito de uma possível origem bíblica dos primeiros andinos, pois além da *idolatria* são várias as faltas e *pecados* que menciona o Inca sobre as primeiras gentes, como são : a) dos sacrifícios: “*conforme a la vileza y bajeza era también la crueldad y barbariedad de los sacrificios de aquella antigua idolatria.* b) sua organização social e política: *En la manera e sus habitaciones y pueblos tenían aquellos gentiles la misma barbariedad que en sus dioses y sacrificios.* C) sua organização de parentesco: *En las demás costumbres, como el casar y el juntarse no fueron mejores que los indios de aquella gentilidad, porque muchas naciones se juntaban al coito como bestias.*

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O tratamento do Garcilaso sobre os grupos que habitavam os Andes centrais antes da dominação inca é totalmente invertida em relação ao que nos oferecem os textos de Guaman Poma e Juan de Santa Cruz Pachacuti, para o Inca, nesses povos há uma inexistência de qualquer tipo de moral e valores cristãos, desde práticas idolátricas e de sacrifícios sendo estas as mais condenáveis na tradição cristã da época, até a má alimentação e *barbariedade* na forma de se organizar socialmente. É evidente aqui, como apontado acima, o papel que jogam as raízes maternas incaicas no Garcilaso na visão e ressignificação do passado andino.

Por outro lado, é bastante eloquente por exemplo que o Inca Garcilaso não faz menção nenhuma a alguma divindade que participe do processo de criação do mundo andino como é o caso de *Viracocha* a qual goza de um papel e status protagônico nos textos dos séculos XVI e XVII. Se considerarmos de acordo a bibliografia sobre o tema de *Viracocha* como uma divindade de características panadinda e com uma ampla tradição e disseminação inclusive antes da era inca, e além disso, como a que serviu de analogia entre o deus criador cristão e o ‘andino’ (ROSTOWROSKI, 2007) (RIAVARA DA TUESTA, 2000) (RIVERA ANDIA, 2005) (PEASE, 2010), isto reforçaria nossa hipótese sobre o desprestígio que dá o Inca Garcilaso ao período pré inca, pois como veremos mais para frente é a divindade solar a qual parece na sua crônica com maior protagonismo, pois seria esta divindade solar e não *Viracocha* como aparece em outros documentos a que enviaria seus filhos os incas aos Andes para que ensinem *y les diesen preceptos y leyes en que viviesen como hombres de razón e urbanidad*.

Nesse sentido, os portadores de altos valores morais assim como da adoração e reconhecimento de um único deus, segundo a versão do Garcilaso, são os incas, os quais tirariam *aquellas gentes* da obscuridade e *barbariedade*. Isto último seria uma das principais rupturas e pontos de inflexão na história que nos traz Garcilaso. Apesar de que a seguinte cita é um pouco extensa, achamos necessário e pertinente expor a forma como o Garcilaso enaltece a figura divina e providencial dos incas :

Viviendo o muriendo aquellas gentes de la manera que hemos visto, permitió Dios nuestro señor, que dellos mismos saliese un lucero del alba que en quellas escurisimas tinieblas les diese alguna

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

noticia de la ley natural y de la urbanidad y respetos que los hombres debían tenerse unos a otros, y que los descendientes de aquel, porcediendo de bien en mejor, cultivasen aquellas fieras y las convirtiesen en hombres, haciendoles capaces de razón y de cualquiera buena doctrina; para que cuando el mismo Dios, sol de justicia tuviese por bien de enviar la luz de sus divinos rayos a aquellos idólatras los hallase no tan salvajes, sino más dociles para recibir la fé catolica y enseñanza y doctrina de nuestra santa madre Iglesia Romana., como después acá lo han recibido según se verá lo uno y lo otro en el discurso desta historia . (GARCILASO,1967, p. 46).

Garcilaso no XV capítulo ao qual pertence o trecho anterior chamado *El origen de los Reyes incas* manifesta que a interferência da providência divina assim como a preparação para tirar aos gentios bárbaros de seu estado de obscuridade e que assim pudessem receber a palavra e fé de deus e de sua igreja será por meio de seus enviados aos Andes, os incas, e sobre os que, como bem nos diz garcilaso na última frase da cita anterior, ele fará o discurso da sua história.

Isto último também marca um grande afastamento entre as narrativas de Garcilaso, Guaman Poma e Juan de Santa Cruz Pachacuti, pois para estes dois últimos é nas idades prévias aos incas onde os andinos foram preparados para receber o evangelho, inclusive com a própria presença de Jesus cristo e alguns apóstolos como São Tomás. Agora, vejamos o que dizem esses cronistas sobre este assunto.

Santa Cruz Pachacuti quem segundo Angela Brechetti (2013) era descendente da nobreza colla, uma etnia do sur andino que ficou sob domínio inca -um dado que não deve ser ignorado-, nos apresenta como primeira era o primeira geração humana o *purumpacha* . Este primeiro tempo, Santa Cruz Pachacuti o descreve como uma época onde começou a ser povoado todo o espaço andino, e no qual a causa de falta de terras e locais de assentamento foi um tempo de guerras e disputas entre diversos grupos, além disso era um tempo onde havia presença de *Hapiñuños*, os quais Diego Gonzales de Holguín em seu *Vocabulario de la Lengua General del Perú* do ano 1606 os define como *fantasma o duende que solía aparecerse con dos tetas largas*. Sobre estas entidades Santa Cruz Pachacuti escreve que eran *tiranos infernales enemigos del genero humano*. Ressalto o fato de que Santa Cruz inclua na sua narrativa uma figura como a dos *Hapinũñõs*, os quais ele eleva ao grau de *demonios* , que no contexto da época descrita do *Purumpacha* dão e possibilitam o contraste para

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que o autor andino invoque a presença do próprio Jesucristo na sua *Relación*, *De eso se entiende que los demonios fueron vencidos por jesucristo* O que seguramente foi uma estratégia discursiva de parte de Santa Cruz Pachacuti para de forma indireta demonstrar um primeiro contato e aproximação das primeiras idades andinas pré incaicas com o cristianismo.

Para além do anterior, Santa Cruz Pachacuti parece que, cria uma espécie de *Genealogia cristã* na sua crônica com a qual reforça uns dos principais argumentos do seu texto que é a aptidão para os andinos conhecerem e receberem o evangelho. Esta *genealogia cristã* começaria com a derrota e expulsão dos *hapiñuños* como exposto acima por meio de Jesus Cristo e continuaria com o aparecimento, chegada e pregação no espaço andino do apóstolo Santo Tomás quem seria identificado também pelo cronista índio com o deus do sur andino, *Tonapa*.

Sobre a ideia de uma pregação apostólica nas Américas antes da chegada dos ibéricos, o historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda em sua obra *Visão do Paraíso* (2000) nos diz que uma das portas de entrada para a ideia da pregação tomasina na América foram os primeiros missionários chegados no Brasil, que trouxeram a lenda sobre a associação da conversão de povos asiáticos ao cristianismo devido às prédicas de São Tomé. O autor acrescenta que as primeiras experiências das missões portuguesas no extremo oriente, ajudou a que as pisadas de São Tome fossem visualizadas também na América. O rastro de Tomás não seria visto só no Brasil, e sim também no Paraguai, na região do Plata e no Perú expoê o autor.

Para Marcela Pezzuto (2016) uns dos principais preceitos evangélicos do livro de *San Marcos* geraria uma forte adesão e crença de que na América se deveriam repetir as experiências dos discípulos de Cristo em oriente. A autora ainda diz que :

Más allá de evaluar dichas visitas apostólicas a la luz de diversas pujas de poderes entre ámbitos religiosos y políticos, o representando creencias religiosas que aglutinaban a los indígenas; lo cierto es que no puede dejar de considerarselas a la luz de los ideales utópicos de la época, es decir la tradición cristiana de rasgos humanistas trasladada a América desde el viejo continente por órdenes religiosas y por civiles, Así los ideales utópicos que impregnaban el ambiente europeo del siglo XVI generaron una literatura descubrimientos geográficos, regiones

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

exóticas, nuevos comienzos sociales en espacios felices con abundancia de bienes materiales entre otros atributos. (PEZZUTO, 2016, p. 8)

A autora faz a ênfase em que o clima intelectual utópico da época, reforçado entre outras coisas pela reconquista dos reinos cristãos de Granada em 1492, permitiu que a narrativa sobre São Tomé fosse facilmente difundida e adaptada na América. Nesse sentido, Carlos Page (2017) também nos diz ao respeito que depois da igreja reconhecer que dito apóstolo tinha estado em oriente onde os portugueses levantaram uma igreja em honor a ele, a hagiografia sobre o apóstolo se ocuparia de proporcionar a versão de que este passaria e se estabeleceria por um longo período de Tempo na América. Pode-se dizer então, que existia o interesse com determinados fins políticos e econômicos por parte de alguns setores da igreja em tentar vincular e demonstrar certa aptidão e sensibilidade por parte dos povos *recém descobertos* a receber a nova religião trazida pelos ibéricos. Estes interesses fariam que o uso da ideia dos apóstolos pregando pelo Novo Mundo fosse um dos argumentos nos principais debates intelectuais na época sobre o direito a colonizar ou até de fazer a guerra aos povos americanos, porém, esta discussão escapa ao presente capítulo.

Como comentado acima, a representação que faz Santa Cruz Pachacuti da presença do apóstolo de Jesus nos Andes é vinculada e fusionada com uma divindade de muita importância no sur andino, Tonapa

Pasados algunos años después de haber echado a los demonios *hapuñuños* de esta tierra ha llegado a estas provincias y reinos del Tahuantinsuyo un hombre barbudo, mediano de cuerpo y con cabellos largos, con camisa algo larga. Dicen que era ya hombre más que pasado de Mozo, que tría canas y era flaco, el cual andaba con us bordón. Y que enseñaba a los naturales con gran amor llamándoles a todos hijos e hijas. A este varón le llmaban o nombraban Tonapa [...] Aunque les predicaba siempre no fue oído porque los naturales de aquel tiempo no hicieron caudal ni cas del hombre. Pues se llamó a esta varón Tonapa huiracochampa cachan, no será este el hombre el glorioso apóstol Santo Tomas? (PACHACUTI, 1995, p. 9)

Sobre Tonapa Maria Rostoworoski (2007) nos diz que foi umas das divindades mais prestigiosas do sur andino, principalmente da região que na época dos Incas foi conhecida como *collasuyo*, além disso, nos acrescenta a autora que o culto e popularidade de Tonapa seria muito

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

anterior a Viracocha, divindade esta a qual tem uma maior participação nos textos de Guaman Poma de Ayala e alguns cronistas espanhóis como veremos ao longo desta pesquisa. Por outro lado, autores como Franklin Pease (2009) e Fernando Allaga (1987) expõem que Tonapa, entre outras divindades do mundo andino poderiam ter sido variantes de culto regionais de Viracocha ou de uma divindade similar. Longe de querer elaborar o descrever a “verdadeira essência” de Tonapa o do mesmo *Viracocha*, nos interessa é observar os distintos usos e reinterpretações e principalmente negociações que fazem os cronistas das categorias de pensamento andino em seu embate com as visões de mundo que chegavam de fora, e não me refiro somente as originadas com a colonização espanhola, e sim também as impostas com o domínio e expansão do culto e religião inca, e sua fricção com as crenças e cultos locais.

Luis Millones (2008) nos alerta sobre os cuidados e precauções na hora de abordar os deuses andinos, o antropólogo peruano aponta que em contraste com a Mesoamérica a informação do mundo andino sobre seus deuses nos documentos dos XVI e XVII passa por uma *vehemente actividad cristianizadora que daba muy poco para entender las sutilezas del panteón andino* ( p. 173). Sobre este mesmo assunto e mais especificamente sobre a personificação das entidades divinas andinas por parte de crônicas vicereais peruanas, Millones escreve que :

En todo caso queda claro que las divinidades americanas, en las crónicas andinas se visualizan en forma humana, Existe con frecuencia el interés de cierta corriente de cronistas o historiadores del XVII y del XVIII de enttemezclar en panteón precolombino con la figura de los predicadores que habrían llegado milagrosamente. Este acontecimiento resultaba ser un buen argumento para probar la capacidad de los indígenas acercarse al mensaje cristiano (MILLONES, 173)

Além da necessidade de alguns cronistas em personificar e comprovar a presença e passo dos apóstolos na América, houve também por parte da empresa conquistadora e do pensamento cristão, segundo explica Thérèse Bouysson-Cassagne (1997) um uso da tradição hagiográfica ou da *história santa* para se relacionar e se familiarizar à tradição e pensamento indígena da América pela rápida eficácia que isto demonstrou no âmbito da evangelização dos povos, quer dizer que, no caso específico da pregação dos santos apóstolos na América houve uma importante confluência de

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

interesses, onde vários atores encontraram ferramentas e um meio de poder para cumprir seus objetivos, tanto de cronistas nativos como de funcionários de algumas missões que fizeram parte do processo colonizador.

O outro caso representativo deste tipo de fenômenos é a *Nueva Cronica y Buen gobierno* com a diferença que Guaman Poma não fala de São Tomé, senão do *Apostol San Bartolome* do qual também elaborou um desenho no seu manuscrito:



Sobre a travessia de *São Bartolomeu* na América Guaman Poma relata que uns dos primeiros milagres de Deus nos Andes será a chegada do apóstolo em alguns povoados andinos:

Milagro de Dios del apóstol San Bartolomé. El primer milagro que hizo Dios en este reino por su apóstol San Bartolomé es como se sigue: en el pueblo de Cacha de como abrazase el fuego del cielo por el mal apedreado con hondas, comenzando para matarle y echarle al santo. (GUAMAN POMA, 2008, p. 72)

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Guaman Poma apresenta a figura do apóstolo pregador nas Américas com algumas pequenas diferenças em relação ao texto de Santa Cruz Pachacuti. Uma delas é sobre o próprio apóstolo, pois para ele é Bartolomé e não Tomé. Sobre isso, e retomando a aymarista Theréssè Boyssse-Cassagne (1988) nos diz que a conquista da América sendo entendida por parte dos espanhóis como uma obra de milagres de virgens e apóstolos, muitos dos conquistadores se enxergavam e foram enxergados como atuando sob a iluminação e direção dos apóstolos, é assim que, segundo aponta Bouysse-Cassagne, conquista e hagiografia estavam profundamente ligadas e os santos Tomé e Bartolomeu seriam estreitamente vinculados numa mesma imagem e numa empresa, até o ponto de confundir se suas peripécias e suas lendas para elaborar uma mesma figura de santo americana.

Apesar da diferença do apóstolo nesses textos, tanto Guaman Poma de Ayala quanto Santa Cruz Pachacuti os representam com várias similitudes. Uma delas se refere a uma questão espacial, pois Guaman Poma localiza a chegada de São Bartolomeu na região Colla o *Collasuyo* ao igual que faz Santa Cruz Pachacuti, além disso, este último o identifica com uma divindade que muito provavelmente é originária desta mesma região do sur andino. Por outro lado, os dois relatos mostram uma semelhança no tratamento recebido pelos predicadores na suas primeiras caminhadas dos Andes, ao ser no caso de Guaman Poma *apedreado com hondas, comenzado para matarle y echarle al santo* enquanto Santa Cruz Pachacuti diz que *anduvo por todas de los collasuyos predicandoles sin descansar, de donde fue echado el gran varon con gran afrenta y vituperio*.

No entanto, uma diferença não menor é a época em que ambos autores localizam o apóstolo de Cristo nos Andes. Se para Santa Cruz Pachacuti isto ocorreu no tempo preincaico do *purumpcha*, no caso de Guaman Poma isto aconteceria já no tempos dos incas, pois segundo é relatado na *Nueva Coronica* os apóstolos se repartiram ao longo e amplo do mundo depois da morte e ressurreição de Jesus Cristo algo que segundo o autor passaria no reinado do segundo inca *Sinche roca*. Assim, e segundo uma certa ambiguidade do Guaman Poma, se podría pensar que o período em que o autor localiza a pré-dica do Santo Apóstolo é entre o fim do reinado de *Sinche roca* (segundo inca de acordo à cronologia guamanpomiana) e o terceiro inca *Yoque Yupanqi*. Nesse ponto também

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

é importante observar que Guaman Poma descreve os milagres e incursões do Bartolomeu longe do centro de poder inca. Ao texto do Guaman Poma retornaremos depois, vejamos que outras informações nos oferece la *Relación* de Santa Cruz Pachacuti.

Como expliquei em alguma passagem, Pachacuti cria a nosso entendimento uma *Genealogia cristã* com Jesus Cristo e São Tomé conectada à história e transcurrir do tempo andino, pois como veremos, a continuação da tarefa começada com Jesus ao expulsar os demônios dos Andes é mantida com a pregação e milagres de São Tomé e finalizada com o primeiro inca Manco Capac:

Dicen que aquel palo que había dejado Tonapa entregandolo en las manos *apo tampo* se convirtió en oro fino en el nacimiento de su descendiente llamado Manco *Capác* inca, cuyos hermanos y hermanas eran 7, llamados Ayar Cachi, Ayar Uchu, Ayar Auca, etc. (PACHACUTI, 1996, p. 15)

Existe então um vínculo direto entre Tonapa que deixaria o *palo* que pode ser compreendido aqui como um tipo de insígnia ou cetro real inca para a posterior fundação e estabelecimento dos incas em Cuzco, e isto faz, como veremos nos seguintes itens com que Pachacuti descreva ao primer inca como inimigo das *huacas* e das idolatrias. Nesse sentido é possível afirmar que se Pachacuti se afasta do Inca Garcilaso e se assemelha ao Guaman Poma no que se refere a descrição das primeiras gentes e habitantes dos Andes, na hora de relatar o início da dominação incaica ele fica mais perto da Garcilaso e na beira oposta de Guaman Poma.

Antes de continuar com as análises dos textos é importante trazer na presente discussão um dos possíveis motivos que mobilizaram a ideia da pregação apostólica na América entre outros eventos, o *messianismo*. Este conceito assim como seus correlatos como o de *Milenarismo* possuem uma ampla trajetória de estudos, a maioria destes estudos partem desde o período colonial, entre eles posso citar aqui o do Enrique Urbano (2000) sobre o ciclo mítico do Viracocha divindade da qual já falamos, ou os trabalhos de Juan Ossio sobre o mito do Inkarri onde o autor o analisa desde os primórdios coloniais até etnografias mais contemporâneas.

Ana de Zaballa (2001) ao se referir à historiografia dos milenarismos e mesianismos no âmbito Americano, nos diz que as bases destes estudos partem da análise da presença destas ideias

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

no âmbito da colonização espanhola na América. Também, segundo a autora, a partir de que se comprovou uma continuidade destas ideias messiânicas até o século XX, aumentaram os interesses de estudo deste fenômeno no contexto da América Latina. Esta mesma autora que tem dedicado grande parte de sua vida e trajetória acadêmica ao estudo destas questões nos oferece dois definições bem pontuais sobre o milenarismo e o mesianismo :

En términos generales se llama **milenarismo** a la doctrina que espera un reino temporal de Cristo y de sus santos sobre la tierra antes del fin del mundo. El nombre de milenarismo proviene de la duración de mil años atribuida a ese reino intermedio, de carácter intrahistórico es decir, entre el mundo actual y el moderno. [...] Se entiende por **mesianismo** la espera o esperanza del Mesías; y, por extensión, toda esperanza de una liberación o de una salvación, de una nación o de un pueblo. Esta esperanza del Mesías existió no sólo entre los judíos, sino también entre los musulmanes; en efecto, bajo la dominación del Islam fueron numerosos los «mesías» que aparecieron en Oriente. Los cristianos, en cambio, sólo esperamos una «segunda venida» del Mesías, puesto que ya consideramos realizada temporalmente la primera venida, todavía ansiada por los judíos y musulmanes. (ZAVALLA, 2001, p. 356-358)

Para George Minois (2015) o messianismo parte de uma tradição de anúncios proféticos com raízes bíblicas que no início e tal vez foi o que se impôs na América foi de um caráter de *falta-castigo-restauração*. É claro que desde um ponto de vista conceitual istos dois termos merecem um maior número de páginas e análise, mas, por enquanto vejamos de que forma a própria ideia do *tempo* em nossos documentos textuais dos séculos XVI- XVII podem ser lidos nesta perspectiva messiânica ou milenarista.

Sobre o messianismo nos documentos coloniais aparecem temas como o do mito do *Inkarri*. Vários são os especialistas no tema, entre eles temos o trabalho feito pelo já citado historiador peruano Franklin Pease. Para este autor, o mito do *inkarri* poderia ter uma base na representação que fizeram os cronistas da segunda metade do XVI e inícios do XVII sobre a morte tanto do Atahualpa como da queda do último reduto rebelde de Vilcabamba:

Prácticamente todas las versiones de Inkarrí conocidas dan cuenta de la muerte de Atahualpa en Cajamarca. Al mismo tiempo proponen el renacimiento del Inka a partir de su residencia actual en el subsuelo, donde quedó al invertirse el mundo como consecuencia del cataclismo cósmico que supuso la desaparición del Tawantinsuyu. De hecho, el Inka fue remitido por éste a un caos cósmico, subterráneo o "extranjero", de donde regresará cuando el mundo vuelva a "darse vuelta",

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

y el orden del Inka pueda ser restaurado con su resurrección, lo cual sugiere la esperanza mesiánica en un nuevo tiempo sagrado y futuro, que garantice la vuelta al pasado considerado como ideal y perfecto (PEASE, 1977, p. 28)

A pesar de que como aponta o mesmo Pease, as versoões do *Inkarri mostram* a imagem de um inca que ressuscita algo que difere dos relatos dos cronistas como veremos ao longo desta tese, é possível que parte da construção deste mito esteja influenciada pelos relatos dos cronistas que descreveram a morte do Atahualpa após o famoso encontro em Cajamarca con Pizarro.

Por outro lado, o antropólogo Juan Ossio (2000) é um dos autores que têm trabalhado com bastante detalhe aspectos do messianismo no mundo andino. Sobre o tema do *Inkarri* especificamente nos diz que as mortes e extinção por meio da decapitação dos incas Atahualpa e Tupac Amaru I foi ao longo do tempo transmitindo a ideia de uma destruição da cosmologia andina causada pelo processo da conquista, isto provocaria que surgisse a imagem de uma volta do inca e um possível retorno da antiga ordem no imaginário popular andino por meio de pinturas, representações teatrais ou no propio mito do *Inkarri*.

Tanto Ossio quanto Pease trabalham com a hipótese que parte da construção do mito sobre o *Inkarri* além de ter um alto componente de uma longa tradição oral andina, é também uma construção produto das imagens e narrativa das execuções dos últimos incas feitas por algumas crônicas dos séculos XVI e XVII. É assim que uma das possibilidades de leitura sobre vários dos eventos narrados pelos nossos cronistas como os que estamos tratando aqui, e outros que surgiram no decorrer da tese, é nessa chave messianica, o que muito provavelmente funcionó como caldo de cultivo para amalgamar as concepções de tempo andinas e europeias, assim como uma forma de resistência ao futuro dos andinos para restabelecer sua antiga ordem. Isto último, muito provavelmente esteja diretamente ligado e explicaria o uso ainda hoje no tempo presente de categorias como *pachacuti*, no entanto, ainda temos caminho por percorrer e chegar nessas considerações.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Agora bem, voltando ao relato de Santa Cruz Pachacuti, pode-se dizer que, pelo menos em sua primeira parte desde a primeira era o *Purumpacha* até a vinculação que realiza entre *Tonapa* ou São Tomé, faz uma clara defesa dos andinos assim como dele mesmo sobre suas boas disposições para o recebimento e cumprimento dos preceitos da fé cristã, reconhecendo de qualquer modo alguns erros em que poderiam ter caído seus antepassados com relação às práticas idolátricas. Nesse mesmo raciocínio, Nicolas Beauclair (2016) diz que o discurso histórico emitido por Santa Cruz Pachacuti em sua *Relação* é possivelmente uma defesa que ele faz diante de alguns dos vários abusos que sofreram os andinos em situações como a campanha de *extrpação de idolatrias*, inclusive, segundo o autor, como estratégias e defesa contra acusações que poderiam ter acontecido contra o mesmo cronista. Beauclair propõem que o texto de Santa Cruz Pachacuti tentaria cumprir com dois objetivos bem específicos; uma defesa contra acusações de idolatria sobre os povos andinos, assim como uma procura em estabelecer de novo uma harmonia e complementaridade entre andinos e europeus que restaurasse de alguma forma a ordem e o equilíbrio no contexto na nova sociedade colonial. Isto último seria uns dos principais motivos pelos que faria aquelas conexões e entramados entre a história andina e a história cristã.

A diferença de Garcilaso e Santa Cruz Pachacuti os quais dedicam uma extensão menor ao relato da história antes dos incas, Felipe Guaman Poma de Ayala cria uma grande narrativa sobre este período de tempo, que divide em quatro grandes eras:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História  
Rio de Janeiro/RJ, 2021

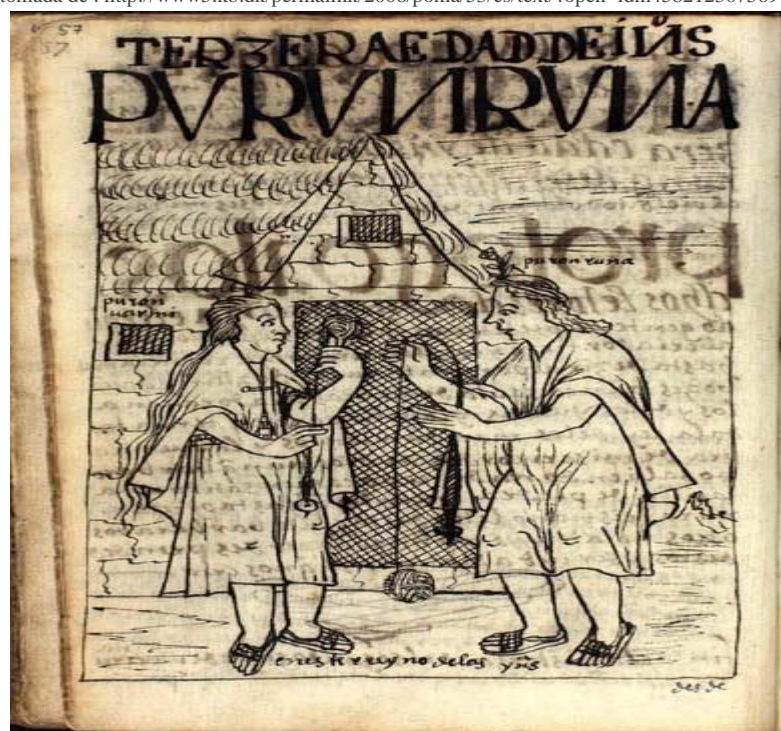


Primera generación de indos Uari Uiraocha Runa, p. 48  
tomada de: <http://www5.kb.dk/permalink/2006/poma/48/es/text/?open=idm45821230756976>

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História  
Rio de Janeiro/RJ, 2021



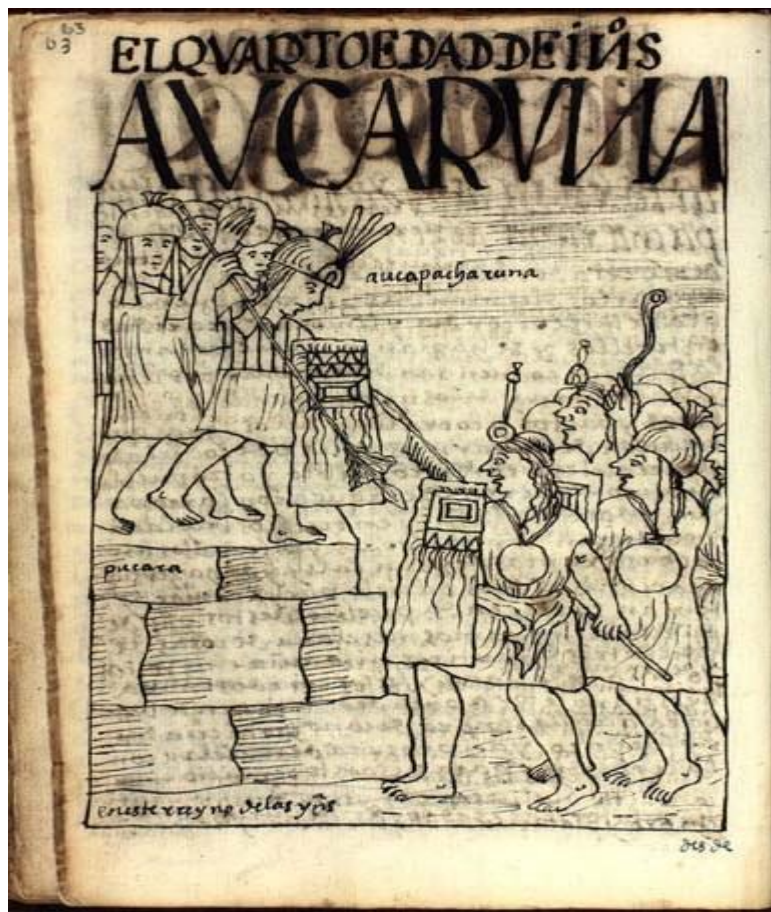
Segunda generación de ndios Uari Runa , p. 53  
tomada de : <http://www5.kb.dk/permalink/2006/poma/53/es/text/?open=idm45821230756976>



# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Tercera edad de indios Purun Runa, p. 57

tomada de : <http://www5.kb.dk/permalink/2006/poma/57/es/text/?open=idm45821230756976>



quarta edad de indio Auca runa, p. 63

tomada de : <http://www5.kb.dk/permalink/2006/poma/63/es/text/?open=idm45821230756976>

Essas idades são: *Uari Uiracocha runa*, *Uari runa*, *purun runa* e *auca runa*. Desde inícios do século XX as idades e ideia de história descrita por Guaman Poma de Ayala instiga aos especialistas do mundo andino, por exemplo uns dos primeiros textos foi o do conhecido arqueólogo peruano Julio Cesar Tello que no de 1939 publicou a obra *Las primeras edades en el Perú* onde o autor tenta encontrar as similitudes, correspondências e equivalências entre as idades descritas por Guaman Poma e os diversos horizontes e períodos arqueológicos do Peru antigo. Por outro lado, Franklin Pease (2010) se arrisca a dizer que a primeira imagem de uma história andina é a que está plasmada na *Nueva Corónica* de Guaman Poma de Ayala. O debate em torno à história apresentada

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

por Guaman Poma de Ayala á levado que autores como o antropólogo peruano Juan Ossio (1977) (2008) reconhecam o conflito assim como a convergência de variadas temporalidades na descrição histórica que faz o autor andino. Ossio propoem que se bem Guaman Poma teve acesso e consulta a vários livros que continham modelos europeus sobre o tempo e o calendário por outro lado, o mesmo autor acrescenta que é inegável que um modelo e concepção do tempo dividido em idades também possa ser entendido como algo próprio da América, para ele, isto estaria fundamentado principalmente em alguns documentos e códices mesoamericanos. No entanto, este mesmo autor já em um artigo de 1977, avisa sobre a dificuldade que tem os especialistas para conseguir discernir através da documentação como a deixada por Guaman Poma sobre o que seria uma autêntica concepção de tempo andina:

La creencia de que el mundo ha pasado por cuatro edades y que el presente está en una quinta edad es descrita para el mundo andino prehispanico además de Guaman Poma por los cronistas, Murua, Salinas y Cordova. Sin embargo por ser todos estos documentos un tanto tradidos y porque la división del mundo en edades era también parte de la tradicion historiografica judeocristiana, algunos estudiosos de la sociedad andina prehispanica han sugerido que la división en edades no fue originalmente andina [...] es verdad que en la medida que nuestra información acerca de la sociedad andina prehispanica viene de segunda mano, todo intento de tratar de discernir el carácter originalmente andino de algunas de las creencias siempre será hipotético. (OSSIO, 1977, p. 44)

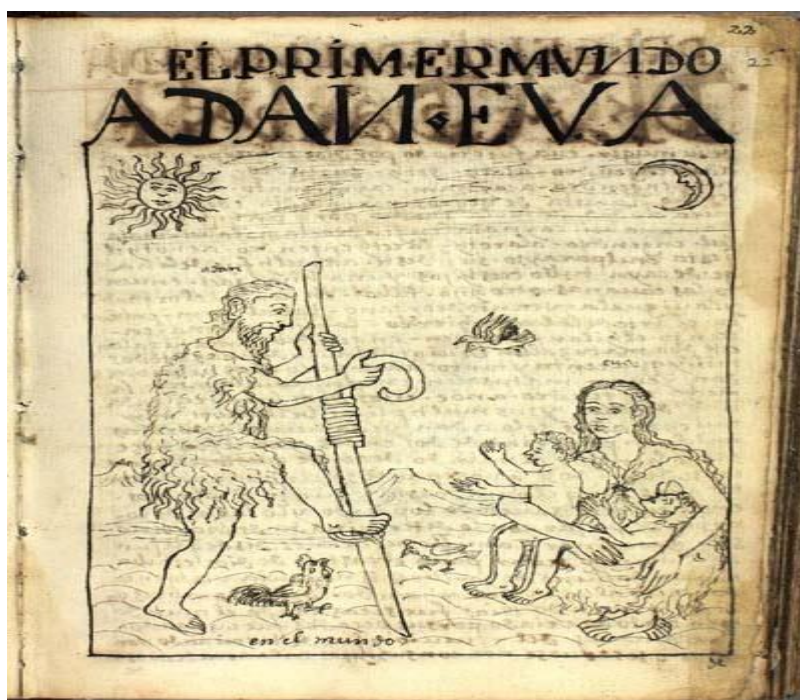
É verdade que o texto do Ossio é antigo, no entanto, continua totalmente válido e vigente, principalmente quando se pensa que é plausível encontrar ou rastrear uma espécie de *purismo andino* em textos como os dos autores trabalhados nesta primeira seção. E é que de fato a riqueza e força da descrição das idades andinas em Guaman Poma acreditamos que radica não numa suposta "essência andina" e sim na forma em que realiza e expõe uma trama que envolve a história bíblica europeia com a história ou *histórias andinas*, conseguindo de forma muito ingeniosa e audaz compactar distintos mundos numa mesma linha histórica, na qual convergem distintos povos, seres, deuses, datações e calendários, algo que salvando as proporções caminha do lado da proposta de Juan de Santa Cruz Pachacuti.

O anterior é justificável desde o momento em que não é possível estudar as idades andinas apresentadas por Guaman Poma de forma isolada, é necessário recorrer sempre, assim como

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o mesmo autor faz na sua escrita às idades europeias, as quais são : I) *Primera generación del mundo de Adán y Eva*, II) *Segunda edad del mundo desde el arca de Noé*, III) *Tercera edad del mundo desde Abraham*, IV) *Cuarta edad del mundo desde el Rey David*, V) *Quinta edad del mundo, desde el nacimiento de nuestro señor Jesucristo*.

Como colocamos no início desta seção, Guaman Poma as vezes cai numa certa ambiguidade em referência sobre si os primeiros andinos saíram diretamente de Adão e Eva ou pós dilúvio na época de Noé, porém, como também foi aqui dito, Guaman Poma sempre ao início e no prólogo de cada idade andina reforça a *genealogia andina* com início em Noé. Sobre isto, Augusto Cardich (1971) comenta que Guaman Poma assim como por un lado escreveu baseado no que ele chama de *aporte nativo* ou seja da tradição oral andina, por outro, na época em que o cronista elaborou seu relato a explicação bíblica do passado adquiriu mais força, dita explicação sobre passado tinha nesse tempo uma conotação positiva, ou seja, a aplicação da cronologia bíblica sobre o passado não só tinha um sentido religioso, senão que também científico:



Primer mundo Adan y Eva, p. 22

Tomada de : <http://www5.kb.dk/permalink/2006/poma/22/es/text/?open=idm45821230772128>

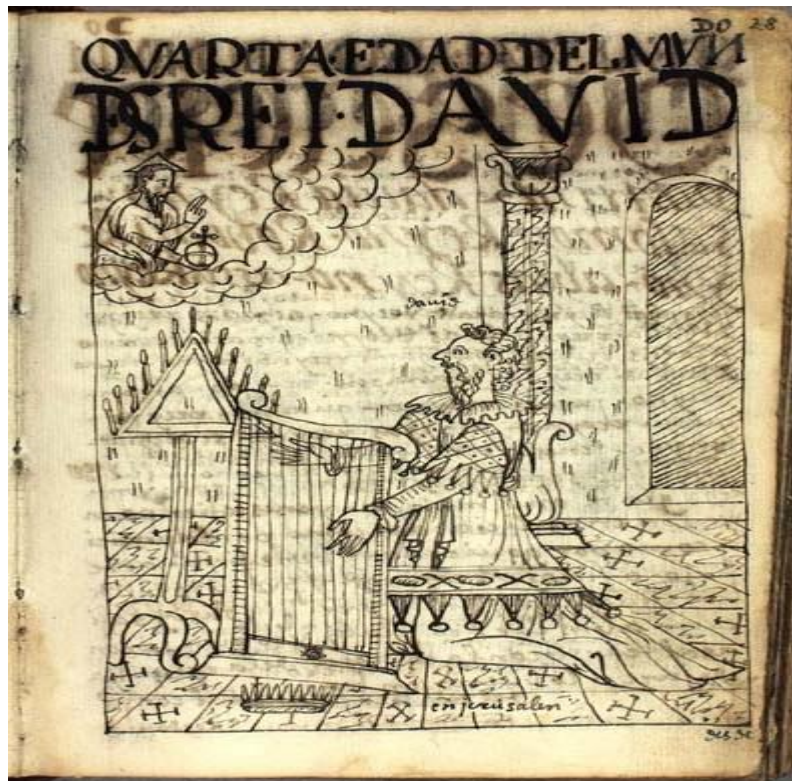
ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História  
Rio de Janeiro/RJ, 2021



Tercera edad del mundo de Abraham, p. 26

Tomada de : <http://www5.kb.dk/permalink/2006/poma/26/es/text/?open=idm45821230772128>

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História  
Rio de Janeiro/RJ, 2021



cuarta edad del mundo del Rey David, p. 28

tomada de : <http://www5.kb.dk/permalink/2006/poma/28/es/text/?open=idm45821230772128>

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Quinta edad del mundo de Jesucristo, p. 30

tomada de : <http://www5.kb.dk/permalink/2006/poma/30/es/text/?open=idm45821230772128>

Voltando às idades andinas apresentadas na *Nueva Cronica*, é importante dizer que uma primeira diferença em relação a Santa Cruz Pachacuti e o Inca Garcilaso é sua maior dedicação a atenção ao fazer uma subdivisão sobre o período pre-inca. Desde a primeira delas, Guaman Poma começa a chamar atenção sobre um mínimo estado de inocência e conhecimento de um deus criador por parte desta primeira humanidade. Os *Uari Uiracocha Runa* os quais a pesar de que *ni sabian hacer ropa, ni sabian hacer casas, vivian en cuevas y peñascos*, tinham uma mínima noção sobre algumas leis e mandamentos do seu único deus:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

De como estas gentes, cada uno, fueron casados con sus mujeres y vivían sin pleitos y sin pendencia ni tenían mala vida sino era sino todo era adorar y servir a Dios con sus mujeres, como el profeta Isaias, en el salmo, rogaba a Dios por el mundo y pecadores y como Salomón dijo que orasemos por la conversión de los projimos del mundo, así estas gentes se enseñaban a unos y a otros entre ellos y pasaban así la vida dichos indios en este reino. (GUAMAN POMA, 2005, p, 45)

As boas relações, práticas e costumes será uma questão mantida pelo autor ladino pelo menos até a idade que antecede aos incas, a era *auca runa*. O mais importante, no entanto, será sua característica anti idolátrica e monoteísta, estes dois aspectos serão desde nosso ponto de vista os principais argumentos das idades apresentada por Guaman Poma de Ayala. Por exemplo na segunda idade dos *uari runa* aparecem uns dos principais mandamentos do cristianismo *Y tenían mandamientos y ley entre ellos, y comenzarán a guardar y respetaron a sus padres y madres [...]*. O mesmo tom Guaman Poma usara para a terceira idade *purun runa* apresentando em muitas passagens do textos virtudes como a caridade, e uma maior organização política. Além disso, e como falamos ao início, o princípio fundamental destas idades é a adoração ao deus criador. Para a quarta idade podemos observar uma queda nas boas costumes que até agora o cronista andino vinha apresentando nas idades anteriores, é nesse sentido que Pierre Duviols comenta que:

Pero los progresos y la técnica y de la socialización van acompañados por una regresión de las costumbres, de la moral cada vez más acentuada. A pesar de que, en lo religioso, permanecen durante las cuatros edades en un estado de inocencia y cuasi perfección sin decaer -como veremos más adelante- algunos vicios van surgiendo con el tiempo, y estos son suficientes para marcar sin posible equivocación la curva descendiente de la moral (DUVIOLS, 1980, p. 10)

A leitura do andinista francês é bem acertada, pois é possível distinguir duas linhas em direções contrárias na história do Guaman Poma, uma delas como bem aponta Duviols está relacionada a questões de organização social, política e habitacional, na outra está uma aparente aquisição de vícios assim como uma perda total da moral e dos bons valores que terá seu ápice com a chegada das práticas idolátrica e adivinatorias por meio dos primeiros incas.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Mas, o que nos diz ou que podemos refletir sobre o esquema da história andina de Guaman Poma e o apresentado sobre este mesmo período de tempo pelo Inca Garcilaso e Juan de Santa Cruz Pachacuti? O primeiro ponto mais visível é a extensão que os três autores dão a esse período de tempo, pois como foi possível observar, para o Inca Garcilaso assim como para Santa Cruz Pachacuti existe só um período ou era pre inca, ou seja, só existiu uma primeira geração o idade humana, o que difere das quatro idades anteriores descritas por Guaman Poma de Ayala, onde se permite elaborar aquele avanço material andino em companhia de um retrocesso moral.

Uma das coisas que mais chamou a atenção, é que se lemos detidamente as virtudes ruins dadas pelo Inca Garcilaso aos povos da primeira idade antes dos incas, Guaman Poma de Ayala faz um trabalho inverso, e relata o sentido oposto dessas práticas narradas por Garcilaso. Me estou referindo por exemplo ao tema dos sacrifícios humanos, prática a qual segundo Garcilaso teve presença na *aquella antigua gentilidad* e não na época dos incas: *Volviendo a los sacrificios, decimos que los Incas no los tuvieron ni los consintieron hacer de hombres o niños [...]* enquanto Guaman Poma de Ayala não faz referência alguma a práticas de sacrifício humano nem animal nas eras pre incaica, elas somente viriam aparecer no texto do cronista em algumas celebrações e festas incaicas, um exemplo disso é no capítulo da *Nueva Coronica* sobre os meses e festas dos incas, onde no mês de junho, quando acontece o *inti raymi [...]* *enterraban a los niños inocentes, quinientos, y mucho oro y plata y mullo y en este dicho mes en todo el reino.*

Do tema dos sacrifícios passamos a questão das formas de moradia e organização social e política. Nesse aspecto, ao mesmo tempo que Guaman Poma cria uma linha evolutiva que com o passar das idades vão melhorando seus sistemas habitacionais e de moradia, para o Inca Garcilaso estas gentes da primeira idade existiam da seguinte forma, *Los mas políticos tenían sus pueblos poblados sin plaza ni orden ni calles ni de casas, sino como un recogedero de bestias*, algo parecido também aconteceria com as formas de vestir. Mas, acreditamos que a principal diferença radica na inversão que fazem ambos autores em relação ao monoteísmo/politeísmo destas primeiras gerações de gentes. Como foi possível observar a principal virtude que permanece ao longo do tempo nas

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

quatro primeiras idades andinas de Guaman Poma é a adoração de um único deus, relacionando a *Viracocha* com o Deus cristão, no caso do inca Garcilaso acontece todo o contrário pois a adoração a uma multiplicidade de divindades seria um dos principais erros e pecados dos povos que habitavam os Andes no início, erro o qual seria corrigido com a chegada dos incas. Tão importante resulta para Garcilaso fazer essa distinção entre um período pre-inca idolátrico, e um inca antiidolátrico que :

Los españoles aplican otros muchos dioses a los incas por no saber dividir los tiempos y las idolatrías de aquella primera edad y de las de la segunda. Y también por no saber la propiedad del lenguaje para saber pedir y recibir la relación de los indios, de cuya inorancia ha nacido dar a los incas muchos dioses o todos los que ellos **quitaron a los indios que se sujetaron.** (GARCILASO, 1967, p. 80)

Garcilaso é tão audaz que culpabiliza a suposta idolatria encontrada e descrita pelos espanhóis nos incas devido a sua falta de entendimento das línguas nativas, e, além disso, aproveita para ressaltar que a idolatria e adoração a vários deuses foi coisa do passado e que foram os incas o encarregados de tirar os pecados dos indígenas, algo que é evidentemente contrário à versão Guaman Poma de Ayala como ele bem coloca nesta passagem ao se referir ao conjunto de idades que antecederam aos incas:

De como **no** tenían huacas, ídolos, ni adoraban a las piedras ni al sol, ni a la luna, ni a las estrellas, ni tenían templo cubierto [...] De como en aquel tiempo no se mataban ni se robaban, ni se echaban maldiciones, ni había adúltera ni ofensa en servicio de Dios, ni había lujuria, envidia, avaricia, gula, soberbia, ira, acidia, pereza y no había dudas ni mentiras, sino todo en verdad y con ella una sombrilla del conocimiento de Dios. (GUAMAN POMA, 2005, p. 59)

Si Guaman Poma de Ayala e o Inca Garcilaso de la Vega estão em pólos opostos, onde cabe Juan de Santa Cruz Pachacuti nesta equação ? Talvez seja possível dizer que o relato de Santa Cruz Pachacuti se apresenta de uma forma mais neutra em relação ao passado pre inca. Pois se por um lado, não fala desse passado com as virtudes e bons costumes de Guaman Poma, também não fala nada a respeito dos erros, pecados e vícios que assinala o Inca Garcilaso. Pachacuti ao nosso modo de ver descreve o passado andino como o primer encontro e preparação dos andinos com o cristianismo, que teriam uma espécie de *genealogia cristã* com *Jesucristo-Tunapa/Santo Tomas-*

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*Manco Capac* (primer inca), olhando a esse passado nem de uma forma tão positiva como Guaman Poma, nem tão negativa como o inca Garcilaso.

Avaliamos o uso e apropriação do tempo andino em três cronistas com um vínculo ancestral ao espaço andino. Como foi observado, dito vínculo não significou uma representação e descrição homogênea do tempo andino por parte desses três cronistas nem dos códigos e categorias temporais cristãs vindas de fora, pelo contrário, isto ajudou a pensar no complexo mundo de relações de forças do mundo indígena, inclusive em tempos prehispanicos e inícios da colonização. Ou seja, encontramos sujeitos que disputam seu discurso histórico não só perante a administração colonial, senão muito provavelmente também diante das autoridades locais nativas que começaram a fazer parte das *tradições de pensamento e escrita andina*. O que estimula este fluxo de forças poderia obedecer a questões étnicas, políticas, sociais, econômicas, temporais, espaciais. No entanto, é muito cedo para fazer avaliações tão aprofundadas.

Este primeiro análise sobre o variado e complexo uso sobre o *tempo*, nos ajuda a avançar no análise das categorias de matriz andina como o *pachacuti*, trabalho que terá que ser continuado e acompanhado não só com análises de eventos de ruptura ao interior dos textos coloniais, e sim com outras categorias de pensamento e cosmovisão andina como as de *hanan/urin* e *huaca/apu*. Em suma, na sequência desta tese, além juntar ao análise as outras fontes principalmente de clérigos e funcionários espanhóis sobre os itens levantados neste capítulo, pretendemos, tendo como base esse contexto mais amplo, um análise mais focado a questões mais ligadas às cosmovisões andinas espaciais e temporais que aparecem nessas fontes, e não só de nosso objetivo principal é problema de pesquisa que é o *pachacuti*, e sim também de outros conceitos como os assinalado acima.

**Proposta de continuidade, que pode ser continuidade deste capítulo ou outro separado.**

### III

**Duas invasões : De *Manco Capac* (primeiro inca) a Francisco Pizarro**

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Referências até o momento :

- AMAYA, Fernando. Conflicto colonial andino y mediación teológica en la crónica de Guaman Poma. Bogota: Revista perifrasis. p. 7-34. 2012.
- BEAUCLAIR, Nicolas. La relación de Santa Cruz Pachacuti Yamque, un reflejo de la ética andina. Lima: Revista Lexis, p. 143-166.
- BRECHETTI, Angela, Los pintaré como estaban puestos: hasta que entró este reyno el santo ebangeleo, Santa Cruz Pachacuti Yamque, 1613. Madrid: Anales del museo de América, 2003, pp: 81-102.
- BOUYASSE-CASSAGNE, Thérèssè. Saberes y Memorias en los Andes. Paris, IFEA, 1997
- DUVIOLS, Pierre. Periodización y Política: La historia prehispánica del Perú según Guaman Poma de Ayala. Lima: IFEA, 1980. pp: 1-18. Disponible en: <http://www.ifeanet.org/publicaciones/articulo.php?codart=1036>,
- DOS SANTOS, Eduardo. Textos e Imagens, histórias e cosmologias da Mesoamérica e Andes Centrais: São Paulo, Intermeios. 2020.
- DOS SANTOS, Eduardo. Fontes Históricas nativas de Mesoamérica e Andes: Conjuntos e problemas de interpretação e entendimento. CLIO. Série Arqueológica UFPE. V, 22. p. 09-49, 2007.
- GONZALES DE HOLGUIN, Diego. Vocabulario de la lengua general de todo el Perú, llamada lengua quechua, o del Inca. Lima: 1608. Disponible en: <http://www.illa-a.org/cd/diccionarios/VocabularioQqichuaDeHolguin.pdf>.
- HERRERA, Sergio. Ideologías, mentalidades en la obra de tres autores andinos del Perú, Siglos XVI y XVII. Tarapaca: Dialogo andino. p. 21-46, 2012.
- LIENHARD, Martin. La vos y la huella, Habana: Casa de las Amricas, 1990.
- LOPEZ-BARALT, Mercedes. El Inca Garcilaso nuestro primer gran escritor. Lima: Revista de letras Universidad Mayor de San Marcos, p. 4-30.
- LOPEZ-BARALT, Mercedes. Icono y conquista. Lima: Hiperion. 1988.
- MINOIS. George. Historia do futuro: dos profetas à prospectiva. Saã Paulo: Editora Unesp, 2015.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- MLLONES, Luis. AUSTIN LOPEZ, Alfredo. Dioses del Norte Dioses del sur, México: Ediciones Era. 2008
- MAZZOTI, Antonio. El inca Garcilaso de la Vega, In: CHANG-RODRIGUEZ, Raquel.
- MAZZOTI, Antonio. El Inca Garcilaso y el calentamiento global, claves para una lectura contemporánea de los comentarios reales. Madrid: Revista Philologia Hispalensis, p. 79-87. 2018
- OSSIO, Juan. Inkari y el mesianismo. In: NAVARRETE, Federico. OLIVER, Ghilem. (coord), *El heroe entre el mito y la Historia*. México DF: UNAM, 2000. Disponible en :[https://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/374/heroe\\_mito.html](https://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/374/heroe_mito.html)
- OSSIO, Juan. Las cinco edades del mundo según Guaman Poma de Ayala. Lima: Revista de Historia
- PEASE, Franklin. Versiones del mito del Inkari. Lima: Revista de Historia de la PUCP. p. 25-41. 1977.
- PEASE, Franklin, Las crónicas y los Andes. Lima: Fondo Editorial Pontificia universidad Católica del Perú, 1995.
- PAGE, Carlos. El apóstol Santo Tomás en América según los jesuitas del Brasil y Paraguay. Madrid: Revista de Historia Iberoamericana. p. 92-121, 2017.
- RIVERA ANDIA, Juan. Mitología en los Andes In: RESCANIERE, Alejandro. Religiones amerindias, Madrid: Trotta, 2005.
- ROSTWOROWSKI, María. Estructuras andinas del poder: Ideología religiosa y política, Lima: IEP, 2007.
- SALOMON, Frank. Crónica de lo imposible: Notas sobre tres historiadores indígenas peruanos. Tarapaca: Revista Chungara, 1984.
- VELAZQUEZ, Marcel, Historia de las Literaturas en el Perú. Lima: PUCP, 2017.
- ZABALLA, Ana de. Utopía mesianismo y milenarismo. Experiencias Latinoamericanas. Lima: Universidad San Martín de Porres, 2002.
- de la Universidad Católica del Perú, 1977.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História  
Rio de Janeiro/RJ, 2021**